

## CONTOS TIBETANOS

### Contos de um Vagabundo Iluminado

"Cachorro Velho"  
A Mulher de Patrul Rinpoche  
A Mãe de um Lama  
A Oferenda de uma Jovem  
A Prata é um Veneno  
A Sabedoria Pode ser Contagiosa  
Aperfeiçoando a Paciência  
As Instruções do Buda Primordial  
As Vidas Passadas de Patrul  
Chuva de Flores  
Compaixão Clarividente  
Faça Suas Próprias Oferendas  
Grãos de Arroz  
Lamas Anônimos  
Mais Merda Nenhuma  
Nome e Fama  
Nyoshul Recebe a Transmissão  
O Rei dos Fantasmas  
Onde Todas as Orações são Concedidas  
Perfeita Generosidade  
Prostrações a um Vagabundo Iluminado  
Relíquias de Cabelos Sagrados  
Sinal Secreto  
Um Grande Banquete  
Um Ladrão é Convertido  
Uma Cerimônia de Chá Tibetana  
Uma Fortaleza Assombrada  
Viagens Tântricas

### Alguns Contos Tibetanos

A Escritura da Sabedoria Transcendental é Transmitida  
A Igualdade de Tudo que Vive  
A melhor Prática Espiritual  
A Última Palavra de Milarepa  
Cruzando para a Outra Margem  
Drukpa Kunley Abençoa uma Imagem  
Liberando as Criaturinhas  
Melhor Procurar a ti Mesmo  
O Dente Milagroso  
O Roubo de Geshe Ben  
O Velho Mani  
Rabjyor e a Velha Senhora  
Uma Estátua que Fala

### Apêndice

Uma Guirlanda de Pontos Essenciais  
Joia-Coração dos Afortunados, Uma introdução ao Dzogchen, a Grande Perfeição

## **"Cachorro Velho"**

Dza Patrul Rinpoche era conhecido por sua maneira direta de falar e por seu desprezo pela pompa e hipocrisia. Patrul Rinpoche foi o principal discípulo de Jigmé Gyalway Nyugu, o sucessor de Jigmé Lingpa.

Patrul também estudou e praticou sob a direção pessoal do louco iogue iluminado Doe Khyentse Yeshé Dorje. Sob a orientação destes mestres, Patrul se tornou herdeiro de todos os ensinamentos orais profundos da escola Dzogchen Nyingthig (Quintessência da Grande Perfeição).

DOE KHYENTSE RINPOCHE VIVIA NAS matas, carregando um rifle de caçador, que ele supostamente utilizava para iluminar os outros. Foi um mestre mercurial, a quem Jamyang Khyentse Wangpo, o primeiro grande Khyentse, reconheceu como seu igual. Quando Doe Khyentse morreu, o clarividente primeiro Khyentse sentiu o que havia ocorrido longe dali. Com reverência, ele disse: "Agora aquele velho vagabundo se dissolveu em mim".

Patrul Rinpoche já havia sido apresentado à natureza da mente búdica inata por Gyalway Nyugu quando, um dia, Doe Khyentse perseguiu-o com certas afirmações provocativas sobre como as coisas realmente são. Primeiro, Doe Khyentse zombou de Patrul: "Ô, seu heroizinho do Darma, por que manténs essa distância respeitosa? Se é que tens alguma coragem, vem aqui!".

Quando Patrul aproximou-se, Doe Khyentse agilmente agarrou-o por seu cabelo longo trançado e jogou-o no chão, chutando terra em cima dele. Sentindo cheiro de cerveja no hálito do lama, Patrul concluiu que o mestre estava bêbado e perdoou o tratamento recebido.

Doe Khyentse leu seus pensamentos e ralhou bem alto com ele:

"Esses intelectuais!", ele berrou. "Como podem pensamentos mundanos como estes entrarem nessa sua cabecinha? Tudo é puro e perfeito, cachorro velho!" Dando uma banana a Patrul – no estilo tibetano, usando o dedo mindinho – cuspiu nele e cambaleou, retirando-se desgostoso.

Instantaneamente, tudo ficou claro como cristal para Patrul. Ele experimentou a absoluta não separatividade entre nossa própria mente e a mente não dual do Buda, a infinita luminosidade do estado desperto atemporal. Enquanto isso, o sol lá em cima brilhava num céu perfeitamente azul.

Experimentando uma paz indizível, Patrul instintivamente sentou para meditar naquele mesmo lugar, precisamente onde seu intempestivo mestre havia desvelado a natureza absoluta da mente.

Mais tarde, Patrul Rinpoche disse: "Graças a peculiar gentileza do Senhor Khyentse, agora meu nome Dzogchen é Cachorro Velho. Sem querer ou precisar de qualquer coisa, eu apenas perambulo livremente por aí".

## **A Mulher de Patrul Rinpoche**

CERTA VEZ PATRUL RINPOCHE ESTAVA PASSEANDO pela vasta planície de Golok, no Tibete oriental ao norte de Dzachuka. Lá ele encontrou uma mulher miserável acompanhada por seus três filhos, cujo pai havia recentemente sido morto por um gigantesco urso vermelho. A pobre viúva lamentava-se e arrancava os cabelos.

Patrul perguntou para onde ela ia. Ela despejou a terrível história ao surrado mendigo em frente, concluindo: "Preciso chegar a Dzachuka e mendigar comida para minhas crianças. Haverá uma grande reunião de Darma lá. Certamente haverá muitas doações".

"Ka-ho! É um caminho bem longo", disse Patrul gentilmente. "Não vá sozinha; também estou indo para lá. Posso ajudar; vamos viajar juntos."

Por muitos dias caminharam. À noite dormiam sobre o brilhante céu estrelado. Patrul carregava uma ou duas crianças nas dobras de sua velha roupa de pele de ovelha, enquanto a mulher fazia algo parecido com a outra. Durante o dia, Patrul carregava uma criança nas costas, enquanto a mulher carregava a menor; o mais velho caminhava. Cada dia na aurora e no alvorecer eles preparavam chá no fogo do acampamento.

Os viajantes que encontravam pelo caminho pensavam ser eles meros mendigos. Ninguém – muito menos a traumatizada viúva – teria adivinhado quem realmente o nômade que levava sua criança nas costas era. Quando a viúva mendigava nos casebres que encontravam no caminho, Patrul fazia o mesmo, reunindo suficiente farinha de cevada torrada, manteiga, iogurte e queijo de iaque para sobreviverem.

Finalmente chegaram a Dzachuka. A viúva foi mendigar sozinha; Patrul fez o mesmo.

Mais tarde, Patrul parecia descontente. A viúva perguntou o porquê de seu comportamento incomum. "Não é nada. Tenho algo a fazer, mas a fofoca daqui torna difícil para eu fazer o que tenho que fazer."

"Que tipo de trabalho poderias ter aqui?", a mulher perguntou surpresa.

Patrul respondeu sorrindo: "Não importa. Vamos".

A pequena família logo alcançou a parte externa do mosteiro ao lado da colina. Patrul repentinamente parou, virou-se para a mulher e disse a ela: "Preciso ir; podes vir também, depois de alguns dias. Farei uma pequena peregrinação pelo mosteiro e te esperarei lá".

Isso realmente não era o que a mulher tinha em mente. Nessa altura ela já tinha ficado bem apegada ao ar de força gentil e espontaneidade que circundava sua recém-achada companhia e a inexplicável paz e sensação de bem-estar que substituiu sua dor desde que se juntou a Patrul na estrada.

Ela reclamou: "Não fale bobagem! Vamos ficar juntos. Até agora fostes tão gentil - não nos abandone. Poderíamos casar, ou ao menos eu poderia ficar contigo, para me beneficiar de tua proteção. Não sei por quê, mas me sinto muito bem contigo".

O mestre, porém, já tinha tomado sua decisão. "Não vai dar. Até agora te ajudei como pude, mas as pessoas por aqui são fofoqueiras. Não podemos ficar juntos. Venha em alguns dias e me encontrará no mosteiro." Então Patrul caminhou com passo determinado para a colina. A mulher e as crianças ficaram para trás, mendigando comida.

No outro dia, o vale inteiro estava cheio notícias: "O mestre iluminado Patrul Rinpoche chegou – ele ensinará sobre o Bodhicharya-avatara!". Todos os fiéis correram para o mosteiro, guiando iaques carregados com tendas e provisões para uma estada longa, de forma a receber os ensinamentos sublimes.

Ouvindo estas notícias e observando a comoção geral, a viúva ficou alegre. Ela pensou: "Um lama tão famoso veio; esta é uma verdadeiramente afortunada ocasião para fazer uma oferenda em nome do meu falecido marido". Imediatamente ela apressou-se na direção do mosteiro com as três crianças e as oferendas de sua mendicância em mãos.

Quando chegou, Patrul Rinpoche havia instruído os monges e lamas: "Separem todos os alimentos oferecidos a mim; tenho um convidado chegando e ele precisará deles". Patrul era reconhecido por nunca aceitar oferendas ou acumular posses e riqueza de qualquer tipo; por isso, os monges surpreenderam-se, mas não tinham outra escolha além de seguir suas ordens.

A viúva chegou e encontrou um assento num canto da grande assembleia, bem longe do trono do lama. Ela ouviu tudo sem reconhecer o eloquente Patrul daquela distância. Finalmente, quando a palestra do dia estava completa, e as orações, bênçãos e dedicação de mérito haviam sido proclamadas, a mulher aproximou-se do trono de forma a receber a benção pessoal do lama. Ali, ficou chocada ao descobrir sua fiel companhia de viagem sorrindo benevolente.

A surpresa viúva reverentemente pediu o perdão do mestre: "Por favor, conceda-me o perdão por não ter te reconhecido, por te fazer carregar meus filhos, propor casamento, e o resto!", ela chorou.

Patrul Rinpoche riu e disse para ela não se preocupar. Então virou-se para seus ajudantes e disse: "Aqui está minha convidada. Ela me ajudou a chegar aqui. Dê a ela toda manteiga, queijo e outras provisões que separamos. Cuidem para que ela tenha qualquer coisa que sua família preciso".

### **A Mãe de um Lama**

O vagabundo iluminado Patrul e seu discípulo Lungtok viviam no deserto próximo ao mosteiro Gémang situado no leste do Tibete, mantendo-se com provisões escassas e meditando na Dzogpa Chenpo, a inata Grande Perfeição. Manteiga de iaque era um bem de valor entre os pastores nômades de Kham e frequentemente utilizada como base de troca.

CERTA VEZ PATRUL RINPOCHE E NYOSHUL Lungtok estavam em retiro num isolado eremitério nas montanhas em Dzachuka. A mãe do Lungtok enviou-lhe de muito longe uma grande quantidade de ótima manteiga de iaque, que ela havia dolorosamente extraído dia após dia do leite fresco com suas próprias mãos idosas. Ele imediatamente ofereceu a manteiga a seu professor.

Patrul exclamou, "Ah-zi! Vê só como tua velha mãe gosta de ti! Não posso aceitar este presente."

Alguns dias depois, Patrul perguntou a Lungtok, "Tu lembras da tua mãe em tuas orações?"

"Eu penso nela, mas não muito," Lungtok confessou.

"Que vergonha!" berrou Patrul. "Ela te colocou neste mundo e fez de tudo por ti quando tu eras um nenê indefeso. Por sete dias deves meditar apenas na incomparável bondade da tua mãe."

Em uma semana, o obediente discípulo obteve um claro entendimento da bondade de sua mãe e conseqüentemente da bondade de todos os seres, já que todos já foram nossas mães uma vez ou outra ao longo dos infundáveis renascimentos. A gratidão desabrochou no coração de Lungtok, e uma experiência muito profunda de Bodhichita altruísta surgiu em sua mente tal como a aurora de um dia ensolarado; suas aspirações prévias de emancipar todas as criaturas vivas sem exceção como um bodisatva foram imensamente aperfeiçoadas.

Nyoshul relatou isto a Patrul, que comentou, "Como Shantideva disse, 'Não há nada que não se torne possível através da meditação; tudo se torna fácil através da familiarização.' É muito ruim que a maioria das pessoas não meditam, elas progrediriam rapidamente até a iluminação."

Então Patrul rezou em voz alta:

Possam todos os seres ter felicidade  
e as causas da felicidade;  
Possam todos os seres estarem livres do sofrimento  
e das causas do sofrimento;

Possam todos os seres se manterem inseparáveis da  
completude eterna e harmonia;  
Possam todos os seres descansarem na equanimidade imparcial  
e na paz interior.

Através de seus poderes de clarividência, Patrul sabia que a mãe de Lungtok não estaria por muito tempo neste mundo. Ele disse ao seu aluno, "Apesar de anteriormente ter te instruído a não aceitar oferendas, agora tu deves aceitar oferendas e levá-las como presentes para tua mãe."

Nyoshul Lungtok viajou pelo deserto para ver sua mãe antes que morresse. Ele a presenteou com tudo que os fiéis de Dzachuka tinham lhe oferecido e trouxe alegria a ela em seus últimos momentos. Quando ela estava no leito de morte, ele a guiou aos renascimentos superiores.

Lungtok sentiu-se extremamente grato a seu professor pelo bem de sua mãe e ficou satisfeito de realizar os desejos de seu mestre. Depois desta ocasião, ele não acumulou mais posses. Retornando ao retiro nas montanhas, ele logo atingiu à iluminação.

### **A Oferenda de uma Jovem**

UMA VEZ PATRUL RINPOCHE DEU EXTENSOS ensinamentos no Mosteiro Katok. Quando terminou os ensinamentos, o grande lama Katok Situ convidou Patrul para almoçar em sua casa dentro do mosteiro.

Depois de sentar na suíte do mestre, Patrul exclamou: "Como é luxuoso aqui! O Mosteiro Katok é amplamente conhecido por ser rico e próspero, mas tu pareces o mais próspero de todos. Olhe para estes carpetes de pele de tigre e de pele de pantera, caixas trabalhadas, implementos rituais de prata e ouro, tecidos de brocado, copos antigos de porcelana, terra e gado por toda a parte - parece um reino celestial. Não há certamente nada como isto na terra. Que admirável!".

Então acrescentou despreocupadamente: "Aliás, não tenho nada além de uma tigela de barro para ferver chá. Ouvi que viajarás em breve. Não poderias colocá-la em sua bagagem e levá-la para mim? Prefiro viajar leve".

Situ Chokyi Lodro disse a Patrul: "Certamente poderia levar sua tigela de barro. Não seria nada no meio de toda minha bagagem".

Depois que Patrul Rinpoche deixou Katok, Situ – que havia entendido a reprimenda implícita no pedido de Patrul – renunciou a seu mosteiro, posses e séquito de forma a viver solitário em uma

caverna. Depois de secretamente deixar Katok, ele alcançou a Geleira Branca de Dokham, um local sagrado onde passou o resto de sua vida em solidão e simplicidade – vestindo trapos, trocou seus potes de porcelana por uma única tigela de madeira, e vivia com o mínimo.

Um dia ele mandou uma carta para Patrul, dizendo: "Apa (papai), palmas para mim. Seguindo teu conselho deixei tudo para trás e fui meditar".

Quando recebeu aquela mensagem, Patrul comentou aprovando: "Aqui está alguém que ouve o que eu digo".

Um dia um peregrino chegou à caverna de Katok Situ, acompanhado por uma garota que era sobrinha do Mestre Majusri, Jamyang Khyentse Wangpo. Ela recebeu a bênção de Situ e então ofereceu a ele um pequeno saco de farinha de centeio.

O eremita disse: "Não tenho onde colocá-la. Deixe-a naquela pedra plana ali".

"Por favor, aceite-a, com o saco", ela insistiu.

Na frente de Situ jazia uma pedra preciosa, um tipo raro de ágata listrada muito preciosa no Tibete; alguém tinha colocado-a ali recentemente como uma oferenda, acompanhado de um pedido pelas orações do santo eremita. Situ deu a pedra para a jovem, dizendo que a utilizasse no pescoço como proteção e bênção.

Ela ficou relutante em aceitar um presente tão precioso de um monge empobrecido, mas o lama era irredutível. "Deves levá-la", ele disse, "há um grande significado nisso". Ela concordou.

Depois da garota completar sua peregrinação e retornar para casa, ouviu dizer que Katok Situ havia morrido. Não muito depois, foi como filho dela que ele escolheu renascer.

### **A Prata é um Veneno**

CERTA VEZ PATRUL VIVEU EM UM VALE onde as pessoas eram muito devotadas a ele. Um dia alguns eruditos khenpos (abades), com o filho do mestre dos tesouros Chogyur Lingpa, Tsewang Norbu, foram até seu retiro solitário de forma a receber ensinamentos; todos sentaram ao redor de Patrul em uma várzea cercada de flores silvestres.

No vale havia um homem que fervorosamente desejava oferecer a Patrul uma peça de prata na forma de uma ferradura do tamanho de uma pedra. Mas sabia que Patrul raramente aceitava oferendas.

O velho chegou repentinamente a cavalo, desmontou, prostrou-se três vezes, e colocou o pedaço de prata aos pés de Patrul. Ele gritou: "Aqui está uma oferenda. Por favor salve-me de renascer nos reinos inferiores!". Então ele saltou no cavalo e fugiu galopando, consciente de que se permanecesse, Patrul rejeitaria sua oferenda.

Tsewang Norbu pensou para si: "Patrul provavelmente utilizará esta oferenda para algum propósito meritório". Patrul, porém, nunca pegou o pedaço de prata. Quando completou seus ensinamentos, simplesmente levantou-se e saiu. Tsewang Norbu não podia deixar de pensar que teria sido melhor utilizá-la para algum propósito meritório, em vez de apenas deixá-la ali, mas manteve estes pensamentos para si.

Enquanto caminhava, olhou para trás várias vezes: a prata ainda estava ali, um ponto brilhante na várzea verde. Esta imagem permaneceu com ele enquanto desciam a colina, e um sentimento muito poderoso de cansaço com as coisas do mundo e renúncia surgiu dentro dele.

Tsewang Norbu pensou consigo mesmo: "Quando penso no meu gracioso guru e nas pessoas ao redor dele que totalmente renunciaram aos apegos ilusórios desta vida passageira, isso me faz pensar que deve ter sido exatamente assim durante a vida de Buda e seus arhats liberados".

Então lembrou uma história: Certa vez o Senhor Buda e seus discípulos – incluindo Ananda, Kasyapa e outros – estavam caminhando quando viram uma grande pepita de ouro no chão. Enquanto passavam, um após o outro exclamava: "Veneno!".

Uma garotinha, que estava colhendo lenha ali por perto, ouviu isto. Depois que eles se foram, ela viu a pepita, sem saber exatamente o que era. Ela pensou: "Que estranho – aqui está uma peça bonita e bela de pedra amarela, e todos os estimados arhats pularam por ela e evitaram tocá-la, exclamando 'Veneno!'. Deve ser algo que eu também não devo tocar".

A criança correu para contar isso a sua mãe. "Hoje vi um tipo esquisito de veneno", ela começou, relatando o que havia ocorrido.

Sua mãe foi imediatamente checar. Ela achou o ouro, levou-o para casa e utilizou-o para patrocinar oferendas religiosas.

Como fogo, as notícias se espalharam de que o Buda e seus amigos renunciantes haviam intencionalmente evitado uma peça de ouro, deixando-a na relva, e além disso que a haviam chamado de veneno.

Tsewang Norbu sentiu-se muito edificado, inspirado por ver – que mesmo nos tempos modernos – seu professor Patrul Rinpoche espontaneamente seguia os passos de Buda.

### **A Sabedoria Pode ser Contagiosa**

Até recentemente Kham, no Tibete oriental, era uma terra inabitada, primitiva, não muito diferente do velho oeste norte-americano de um século atrás. Não era incomum os clãs ali guerrearem uns contra os outros. A bandidagem reinava, e as regras feudais prevaleciam.

Paradoxalmente, já que havia poucas pessoas, a vida era simples, e o isolamento facilmente alcançado. Kham também foi por séculos um dos maiores centros de meditação e prática iogue do Tibete.

Bodicita (mente desperta) é um sinônimo da verdadeira grandeza de coração. Refere-se à mente iluminada imparcial e altruísta de um Bodisatva, um herói espiritual.

PATRUL RINPOCHE CERTA VEZ PASSEAVA sozinho nas montanhas rugosas próximas a Markhog, acampando ao ar livre. Ele meditava nos ensinamentos sobre Bodicita de Shantideva a respeito da aspiração altruísta pela iluminação. Era desejo de Patrul ser suficientemente livre de preconceitos para tratar os outros como a si mesmo.

Uma trilha suja e difícil cortava a cordilheira e ligava os vales de dois clãs inimigos. A sensibilidade meditativa do mestre solitário à violência que o cercava servia para inspirar suas orações e devoções compassivas.

Um dia, os lados guerreiros perceberam o vagabundo ao lado da trilha; perguntaram-se quem era ou quem pretendia ser. Encontraram Patrul deitado numa fissura estreita na trilha da montanha, onde todo o viajante via-se obrigado a passar por cima dele. Nessa posição incomum, Patrul podia orar para cada viajante individualmente, na esperança de pacificar suas emoções violentas.

Depois de um tempo, três cavaleiros armados chegaram ao desgastado mendigo, próximo a seu frio acampamento. Forçados a parar abruptamente seus cavalos e desmontar, eles exclamaram: "Estás doente, aleijado – leproso, talvez? O que há de errado contigo, deitado no caminho desse jeito?".

O despreocupado mestre respondeu: "Não se preocupem, jovens, não pegarão minha doença. É chamada Bodicita, e dificilmente passaria para saudáveis rapazes guerreiros!". Um pouco confusos, os três remontaram e foram embora.

Mais tarde, Patrul disse: "Talvez seja contagiosa, essa Bodicita imparcial, pois podemos pegá-la dos grandes praticantes espirituais. Mas, nestes dias, apesar de muitos dizerem que a possuem, poucos parecem realmente desenvolver seus sintomas de amor e compaixão altruísta incondicionais".

Então ele orou: "Possam todos os seres sem exceção serem infectados pela preciosa Bodicita".

Miraculosamente, o feudo sanguinário em Markhog logo terminou. O povo local dizia que os jovens guerreiros deveriam ter pego a doença infecciosa de paz daquele vagabundo iluminado anônimo que bloqueava a passagem na montanha, a quem nunca mais viram.

### **Aperfeiçoando a Paciência**

Nem todos os praticantes budistas dedicados são monges em mosteiros. Há uma grande tradição de iogues tibetanos que vivem como eremitas, meditando e orando solitários. Outros erram livres e desapegados, anacoretas sem status social ou posses, aparentando serem meros mendigos ou vagabundos, mas, na verdade, estando mais próximos dos místicos loucos sagrados dos tempos ancestrais, os siddhas da Índia.

Patrul Rinpoche era conhecido pelo seu rude estilo de vida, comportamento iconoclástico e aparência desprezível, bem como por sua imensa erudição e realização espiritual. Profundamente preocupado em manter os praticantes focados na essência da espiritualidade em contraponto às meras convenções formais, ele nunca hesitou em denunciar a pretensão e a hipocrisia.

UM SÉCULO ATRÁS, O ILUMINADO vagabundo Patrul Rinpoche vagava como um mendicante anônimo, quando ficou sabendo de um famoso eremita que vivia há muito tempo em reclusão. Patrul foi visitá-lo, entrando na escura caverna do monge sem ser convidado e espiando por todos os lados com um sorriso irônico em seu rosto castigado.

"Quem és?", perguntou o eremita. "De onde vieste, para onde vais?"

"Venho da direção atrás das minhas costas e vou na direção que está à minha frente", respondeu Patrul.

O eremita ficou perplexo. "Onde nasceste?"

"Na terra", foi a resposta.

O eremita ficou um pouco agitado. "Como é teu nome?", ele exigiu. "Iogue Além da Ação", respondeu o convidado inesperado.

Então Patrul Rinpoche inocentemente perguntou por que o eremita vivia em um lugar tão remoto. Era uma questão que o eremita, com algum orgulho, estava preparado para responder.

"Estou aqui há vinte anos. Tenho meditando na Perfeição da Paciência transcendental."

"Essa é boa!", disse o visitante anônimo. Então, chegando mais perto, como para dizer um segredo, Patrul sussurrou: "Dois charlatões como nós nunca conseguiriam fazer uma coisa dessas!".

O irado eremita levantou rápido de seu assento. "Quem tu pensas que és, perturbando meu retiro assim? Que te fez vir aqui? Porque não podias deixar um humilde praticante como eu meditando em paz?!", ele explodiu.

"E agora, amigo", disse calmamente Patrul, "onde está sua perfeita paciência?"

### **As Instruções do Buda Primordial**

O siddha (adepto tântrico iluminado) Gyalwa Jangshub predisse que Patrul Rinpoche, uma legítima encarnação de Avalokitesvara (Chenrayzig, o Buda da Compaixão), iria a Dergé no Tibete oriental e que aqueles com percepções comuns, iludidas, não o reconheceriam, percebendo somente um mendigo em trapos, apenas um errante pedindo esmolas por ali... e assim aconteceu.

As "Instruções Oraís do Buda Primordial" ("Kunzang Lamai Shalung", em tibetano, [publicado sob o título "The Words of my Perfect Teacher", em inglês]) é um dos mais renomados escritos de Patrul, um livro popular e original de muitas centenas de páginas.

CERTA VEZ PATRUL RINPOCHE ESTAVA CAMINHANDO pelas montanhas próximas a Katog, na província de Dergé, onde há várias grandes estupas (grandes monumentos em forma de sino que servem como santuários para as relíquias sagradas dos patriarcas budistas). Patrul encontrou ali a hospitalidade de um velho lama de Gyarong.

Patrul e o lama conversaram. O lama de Gyarong disse ao anônimo Patrul, que lhe parecia apenas um sincero mendigo religioso: "Pareces interessado nos ensinamentos budistas. Conheces algo de sua prática efetiva?".

O incomparavelmente erudito e realizado Patrul respondeu: "Um pouco, apenas umas coisinhas aqui e ali, de que fui bem-afortunado o suficiente para ouvir no passar dos anos. Por certo o Dharma sublime é inimaginavelmente vasto e profundo".

O monge disse a Patrul: "Ouça, tenho aqui um texto maravilhoso que explica completamente os fundamentos da doutrina budista; é cheio de contos interessantes e revelações compassivas. Foi recentemente escrito pelo professor iluminado Patrul Rinpoche. O livro chama-se 'As Instruções Oraís do Buda Primordial'. Explicarei-o para ti, se quiseres".

Patrul Rinpoche pareceu gostar da ideia. O idoso lama ensinou-lhe sobre as quatro contemplações que retiram a mente do samsara e outros tópicos dos capítulos iniciais do livro, que contêm as instruções essenciais da linhagem oral, que o próprio Patrul havia reunido. O lama estava satisfeito por ter um estudante atento, e explicou tudo em detalhes, para deleite mútuo.

Poucos dias depois, todos ficaram sabendo que o ilustre Patrul Rinpoche daria ensinamentos bem perto, no mosteiro de Katok. O próprio Patrul passou uma grande parte do tempo circunambulando as estupas, as quais ele percebia, através de sua visão sagrada, como o local de todos os iluminados do passado, presente e futuro. Alguns monges de Dzachuka, que também estavam circulando as estupas, viram-no ali; reconhecendo-o imediatamente, eles prostraram-se na terra. Todos se regozijaram: o glorioso Dza Patrul havia chegado!

Aquela noite o lama de Gyarong retornou do mercado. Ele disse a todos na casa, maravilhado, que o próprio Patrul estava na área de Katog e que logo chegaria ao mosteiro. Virando-se para o mendigo anônimo, o lama disse: "Não é esplêndido que o autor iluminado desse mesmo livro que estamos estudando esteja tão próximo?"

Patrul pareceu pouco impressionado. "Talvez seja ele, mas por outro lado talvez não... Quem pode dizer? Afinal, o que há de tão especial a respeito de Dza Patrul? Ele provavelmente é apenas mais um lama da cidade. 'É melhor reverenciar os ensinamentos do que o professor', como disse o Buda."

O lama bateu nele, berrando: "Como ousas falar dessa forma a teus superiores? Devo mandar-te embora dessa casa direita! Devias ter mais respeito por nosso professor gracioso, o Buda vivo Patrul Rinpoche".

Dois dias mais tarde, Patrul subiu ao decorado trono de ensinamento no mosteiro de Katog, perante uma assembleia de milhares. Quando o lama de Gyarong viu seu estudante temporário sentado no trono, imediatamente percebeu o que havia acontecido. Ele fugiu envergonhado e nunca mais foi visto em Katog.

Mais tarde, Patrul foi lembrado da história. Ele sorriu e disse: "Isso é muito ruim mesmo. Talvez ele realmente tenha ficado bravo comigo; mas mesmo assim deu excelentes ensinamentos das 'Instruções Oraís do Buda Primordial' a respeito das quatro contemplações que livram a mente do samsara, sobre as quais eu nunca me canso de refletir a respeito. Eu espero sinceramente e rezo para que meu gentil professor, o lama de Gyarong, encontre a paz sublime, e que todos os seres ligados a mim iluminem-se juntos".

## **As Vidas Passadas de Patrul**

Na linhagem da prática, em que teoria é menos importante do que a prática espiritual de fato, diligência é mais importante do que intelecto, e meditação é mais enfatizada do que o mero aprendizado, Patrul Rinpoche estava entre os maiores eruditos entre os sábios iluminados; porém, foram seu rude estilo de vida, franqueza, simplicidade, humor e calor humano que o mantiveram vivo através de sucessivas gerações.

CERTA VEZ PATRUL MEDITAVA NA Caverna de Yamantaka mais baixa, próxima ao Mosteiro Dzogchen. Na caverna superior, residia um praticante simplório de Gyalmo Rong, quase analfabeto. Ele também praticava a meditação solitária.

Um dia, Patrul provocou-o brincando. "Se praticamos em um lugar como este, longe das distrações, a atenção intrínseca torna-se naturalmente clara. Então, é fácil perceber deidades, lembrar vidas passadas, etc. Tens estas experiências?"

"Nunca!", respondeu o solitário inocente. "E tu, as tem?"

"Pra dizer a verdade", contemplou Patrul, "Eu ocasionalmente lembro-me de centenas de minhas vidas passadas."

"Fale-me sobre suas existências", implorou o eremita. "Certamente isso beneficiará minha prática de meditação."

"Em uma vida fui uma prostituta na Índia, na vila onde o grande sábio negro Krishnacarya vivia", disse Patrul. "Movida por fê, ofereci-lhe um bracelete de ouro puro. Depois disso, nunca mais nasci um caipira, mas tenho tido a boa sorte de me tornar um pândita [doutor em Budismo]."

"Infelizmente não tenho nenhum ouro para te oferecer", disse o recluso, que podia não ser tão tolo quanto parecia. "De qualquer forma, aspiro somente à iluminação, não erudição."

"E eu não sou um mestre como Krishnacarya!", gargalhou Patrul. "Que droga!"

## **Chuva de Flores**

CERTA VEZ PATRUL RINPOCHE ENSINOU o Tantra da Essência Secreta perto de sua caverna em Upper Doe. Entre seus discípulos estava um nômade idoso. Atravessando o rio no seu iaque todas as manhãs, ele voltava para casa toda noite.

Um dia uma chuva torrencial fez o rio transbordar. Apesar disso, o devoto ancião tentou cruzá-lo. Carregado pela forte correnteza, ele afogou-se. Alguns nativos carregaram seu corpo pela colina até Patrul.

"Ah-zi! Pobre senhor!", Patrul exclamou. "Ele morreu por seu desejo de receber ensinamentos. Devemos orar e fazer profundas aspirações para seu desenvolvimento futuro." O cadáver jazia no chão perante o mestre compassivo. A mulher e os parentes do velho lamentavam-se ruidosamente. No Tibete oriental, a morte por afogamento é considerada especialmente de mau agouro, já que os nômades acreditam que quem morre assim renasce nos planos inferiores da existência.

"Por favor, proteja-o com sua compaixão infalível!", a angustiada viúva implorava repetidas vezes a Patrul, lamentando-se e chorando. "Livre-o dos tormentos do inferno." Acompanhado por sua assembleia de discípulos, Patrul começou a cantar a prática de Phowa, que transfere a consciência do morto para os reinos mais altos na direção da liberdade e iluminação.

Um chuvisco gentil, que os tibetanos peculiarmente chamam de "chuva de flores", começou a cair, e delicadas nuvens nas cores do arco-íris começaram a formar-se. Olhando para o céu e depois para o cadáver, Patrul começou a gargalhar repentinamente, deixando a recitação inacabada. Os monges e lamas reunidos completaram o ritual sozinhos, mas ninguém ousou questionar Patrul.

Alguns dias depois, um discípulo respeitosamente perguntou: "Rinpoche, todos sabem que amabilidade e compaixão são os principais focos de sua meditação. Porque gargalhaste quando aquele velho nômade morreu?"

Patrul respondeu: "Aquele senhor era realmente digno de compaixão. Mas algo esquisito aconteceu ali".

"O que aconteceu?", o discípulo perguntou.

"Sentindo grande pena, orei para que renascesse num reino de deleites; instantaneamente o vi

renascendo como um ser celestial no Paraíso dos Trinta e Três Deuses. Por gratidão pelo meu ensinamento do "Tantra da Essência Secreta", ele sorriu e lançou uma chuva de flores divinas sobre nós.

"Olhei para o cadáver enrugado de cabelos brancos em frente e para todos os parentes soluçando com medo do inferno – e não pude aguentar. Pensei para mim mesmo: 'Isto realmente é a ilusão de samsara!'. Então pensei: 'Vendo-me rir, estas pessoas pensam que eu sou estranho; vendo-as chorar, quando o velho homem já virou um ser celestial, penso que elas são estranhas. Isto também é a ilusão de samsara!'"

## **Compaixão Clarividente**

CERTA VEZ PATRUL RINPOCHE DECIDIU oferecer cem mil prostrações para seu professor Mingyur Namkhai Dorje durante um ano inteiro. Mas este, o maior lama do Mosteiro Dzogchen, era totalmente imprevisível.

Logo que Patrul fazia uma prostração, o grande mestre levantava-se e prostrava-se a Patrul. Isso ocorria cada vez que Patrul começava a curvar-se diante do grande lama. Finalmente Patrul escondeu-se no templo, atrás do trono de Namkhai Dorje. Ali, invisível, ele oferecia discretamente suas prostrações.

Namkhai Dorje também era conhecido por sua clarividência desobstruída. Certa vez, Patrul Rinpoche parecia estar procurando por algo antes de sair, enquanto calçava os sapatos na porta do quarto. Namkhai Dorje disse: "Perdestes tua calçadeira? Está na campina perto do rio". O discípulo encontrou o que queria bem onde o mestre disse que estava.

Outra vez, ladrões entraram no templo do Mosteiro Dzogchen e roubaram joias do pescoço de uma estátua muito alta. Todos ficaram perplexos, pois o templo era fechado, e as joias pareciam inalcançáveis, tão alta era a estátua.

Quando Namkhai Dorje ficou sabendo do roubo, ele disse calmamente: "Conheço o ladrão". Ele entrou no primeiro andar, caminhou pelo parapeito dentro do templo, alcançou e retirou os ornamentos com uma vara longa.

Quando os monges foram checar, eles encontraram as marcas da passagem do ladrão e a vara, que havia sido deixada no parapeito. Apesar disto, Namkhai Dorje recusou-se a revelar a identidade do ladrão, pois o homem seria punido severamente se encontrado.

"Ele precisa de nossas orações, não de nossa punição", disse o idoso lama benevolente. "Possam as joias do Buda concederem a ele o tesouro da completude eterna e paz interior."

## **Faça Suas Próprias Oferendas**

O professor de Patrul Rinpoche foi o ilustre iogue, o ultrajante mestre Dzogchen Do Khyentse.

Tormas são bolos cônicos feitos de farinha torrada de centeio e são utilizados em vários ritos de oferenda. Estes bolos vermelhos e brancos simbolizam a união inseparável de meios hábeis e sabedoria, êxtase e vacuidade. Oferecer e, então, espalhar tormas representa a dispersão da ilusão do ego.

CERTO DIA DZA PATRUL, PASSEANDO anonimamente disfarçado de mendigo, chegou para visitar seu mestre Doe Khyentse. Ao chegar, deparou-se com um lama fazendo tormas na cozinha do acampamento do mestre.

Quando Patrul Rinpoche perguntou ao lama se podia ver Doe Khyentse, o lama, olhando de lado para o mendigo esfarrapado diante dele, disse: "Oh, claro, marcarei uma entrevista para ti, não te preocupes. Enquanto isso, não te importarias de ajudar com essas tormas?". Então o lama saiu, rindo sozinho, enquanto Patrul fazia os bolos para ele.

Como não encontrou manteiga para pintar a torma branca, mas bastante tintura vermelha para as vermelhas, o indiscutivelmente erudito Patrul pintou uma torma vermelha que—pelo formato— todos saberiam que deveria ter sido pintada de branco. Mesmo seu nome, kartor, significaria torma branca, exigindo que fosse branca... Mas agora era vermelha.

Quando o lama finalmente retornou, ficou muito satisfeito de ver que o mendigo havia feito todo o trabalho... até que percebeu que uma kartor havia sido pintada de vermelho, e não de branco.

"Que burrice é essa?", berrou o lama.

Patrul Rinpoche gentilmente respondeu: "Poderia dizer, bom senhor, a razão ritual pela qual ela não pode ser vermelha e precisa indiscutivelmente ser branca?".

"O quê!?", explodiu o lama, movendo seus olhos injetados vermelhos para cima, exasperado. "Não só esse imundo vagabundo faz esses erros idiotas, mas ainda por cima é sem-vergonha ao ponto de me questionar!". Então começou a surrar o mendigo e chutou-o para fora.

"Pode esquecer do encontro com Do Khyentse enquanto eu estiver por perto!", berrou o lama para a esquiva figura de Patrul Rinpoche, que desapareceu na floresta.

Aquela noite Do Khyentse Rinpoche perguntou se alguém havia vindo visitá-lo durante o dia, já que—devido a uma premonição que recebeu num sonho—aguardava ansiosamente ver seu protegido especial, seu filho espiritual Patrul Rinpoche. Seus seguidores informaram que ninguém havia chegado durante todo o dia.

Porém, quando o mestre clarividente insistiu que alguém precisava ter vindo, o lama que estava fazendo as tormas na cozinha finalmente abriu a boca, contando a Do Khyentse que, de fato, um mendigo havia chegado à cozinha pedindo esmolas em troca de trabalho, mas que ele havia sido mandado embora quando cometeu o erro de pintar uma torma branca de vermelho!

"Aquele era Dza Patrul, idiota!", trovejou Do Khyentse, que era conhecido por sua ira tanto quanto por sua sabedoria e compaixão. "Traga-o aqui imediatamente. Não me encontrarei com ninguém até que o veja!".

Os servos tiveram que encontrar o mendigo e persuadi-lo a retornar, a convite explícito de Do Khyentse.

Quando finalmente Patrul chegou à presença de seu mestre na manhã seguinte, Do Khyentse colocou-o no trono de ensinamentos e reverentemente pediu para que elucidasse o texto clássico chamado "O Guia da Conduta do Bodisatva" (Bodhicharya-avatara), de Shantideva, para o qual os comentários de Patrul eram famosíssimos.

Perante uma vasta assembleia, Patrul Rinpoche expôs o clássico, explicando a bodicita (a aspiração

altruísta da iluminação) em especial, juntamente com todos as suas formas e sentidos. Então ele disse, enquanto seu envergonhado companheiro de pintura de tormas escondia, sob o manto monástico vermelho, a cara agora da mesma cor do manto: "E apesar de todos hoje em dia falarem maravilhas sobre a mente altruísta da iluminação, ainda há alguns entre nós que nem sequer sabem o significado das tormas rituais que estão pintando tão orgulhosos, embora saibam muito bem como bater naqueles que os questionam".

Do Khyentse gargalhou; pela clarividência, ele sabia perfeitamente o que havia ocorrido na cozinha no dia anterior. Exclamou então: "Maravilha! Está aí um trecho de Shantideva que eu nunca tinha ouvido antes!".

## **Grãos de Arroz**

É costume no Tibete esculpir mantras em pedras. Estas são então empilhadas em locais especialmente escolhidos—os quais podem ser considerados como pontos de acupuntura da terra - para encorajar a paz mundial tanto como para servir de benção para quem quer, homem ou animal, que se defronte com elas. São conhecidas como pedras mani, já que o mantra mais frequentemente utilizado é o da Grande Compaixão, Om Mani Padmé Hung.

Para abençoar e consagrar, os lamas frequentemente sussurram orações e sopram com seu hálito sagrado sobre arroz cru tingido de açafrão ou de cores de arco-íris, o qual é então jogado sobre o objeto da benção, seja animado ou inanimado. Através da perfeita visualização pelo mestre de cada grão transformando-se em o que quer que os seres sencientes queiram ou precisem, grandes benefícios são assegurados.

O recente líder Nyingmapa (Escola da Tradução Antiga), Sua Santidade Dudjom Rinpoche, certa vez abençoou um mosteiro novo em Mysore, no sul da Índia, doente de sua cama em Kalimpong. No momento combinado, quando a consagração pública muito esperada estava para acontecer, Sua Santidade jogou arroz cor de arco-íris em Kalimpong, e grãos cor de arco-íris de arroz caíram no recém-construído e longínquo Mysore – realmente uma benção milagrosa.

PATRUL RINPOCHE GERALMENTE VIAJAVA anônimo. Quando reconheciam sua grandiosa espiritualidade, as pessoas espontaneamente requisitavam bênçãos e ensinamentos. Garantindo o que quer que fosse preciso, ele geralmente continuava solitário, deixando para trás quaisquer oferendas que tivesse recebido.

Jamyang Khyentse veio a perceber este comportamento desapegado. Mandou uma mensagem a Patrul: "Por que te desfazes do que teus discípulos e patronos te dão? Não seria melhor utilizar essa riqueza para projetos virtuosos?".

Patrul tinha o maior respeito pelo Mestre Manjusri, a quem reconhecia como um Buda vivo. Portanto, dali em diante, Patrul ofereceu aos mendigos o que quer que acumulasse. Ele também utilizava os presentes para patrocinar a escultura do mantra Om Mani Padmé Hung em pedras.

Finalmente aconteceu que, de milhares dessas pedras, formou-se um longo muro. Deleitado, Patrul mandou uma mensagem a Khyentse Rinpoche: Quem sabe poderias consagrar a parede mani? Uma mensagem retornou, dizendo que Jamyang Khyentse abençoaria a grande parede numa data auspiciosa muito próxima.

Todos regozijaram-se. O Mestre Manjusri estava vindo! Um festival religioso foi planejado naquele dia.

No dia combinado, todos reuniram-se em antecipação pela chegada de Khyentse Rinpoche. Patrul advertiu para não haver desapontamento caso o grande mestre não aparecesse em pessoa, já que ele estava em retiro há dez dias de viagem. Além disso, ele explicou: "Jamyang Khyentse pode consagrar essas pedras mani a distância tão bem quanto se estivesse aqui em pessoa, através do poder de suas orações e bênçãos. O que quer que aconteça, não se surpreendam".

Imediatamente, uma chuva começou a cair. Ela jorrava triunfante sobre a grande pilha de pedras, fluindo através das incontáveis inscrições. Arco-íris brilhantes enfeitavam o céu. Flores divinas e arroz cor de açafão caíram sobre as pedras tanto quanto na assembleia reunida, enquanto, na hora combinada, a consagração extraordinária acontecia, apesar do Mestre Manjusri não ser visto em lugar algum.

Patrul Rinpoche bateu palmas em deleite. Curvou-se na direção da longínqua residência de Khyentse Rinpoche e – sem nenhuma palavra – continuou seu caminho humilde e solitário.

Cada um que comeu um só grão daquele arroz milagroso ou uma só das suculentas flores, mais tarde, renasceu numa esfera celestial, para finalmente atingir a liberação.

42

### **Lamas Anônimos**

O Mosteiro Dodrup Chen está na região pouco povoada de Golok em Kham. Foi um dos principais centros para a prática dos ensinamentos Dzogchen do onisciente Jigmé Lingpa, o Longchen Nyingthig (Essência da Grande Perfeição). Jigmé Gyalway Nyugu e o primeiro Dodrup Chen Rinpoche foram os principais discípulos de Jigmé Lingpa; o discípulo deles, por sua vez, foi Patrul Rinpoche.

Mestres poderosos, realizados na prática da ioga de transferência de consciência, chamada Phowa, podem conduzir a essência de um ser humano falecido através da abertura no topo da cabeça, permitindo ao morto renascer nos campos de budas, que são paraísos ou Terras Puras. No momento da transferência, algumas manifestações externas, bem como algumas internas, geralmente ocorrem; estas são sinais do sucesso do empreendimento.

UM DIA UMA VELHA SENHORA JAZIA morta na cama. Os parentes enlutados viram três vagabundos passando - um velho, um homem de meia-idade e um jovem. Como o trio esfarrapado estava vestido em cores que lembravam os robes vermelho-escuro da ordem Budista, foram chamados – talvez fossem iogues errantes que, sendo pagos, poderiam executar os ritos apropriados para a falecida.

O chefe da família, um camponês, perguntou respeitosamente: "Podem ajudar nossa mãe falecida? Não há monges por aqui. Faremos oferendas".

O mendigo mais velho respondeu: "Não precisamos de oferendas, somente comida. Faremos o que for necessário para enviar sua velha mãe para os campos de budas". Os três começaram a preparar os bolos de centeio chamados tormas em preparação para os rituais Nyingthig que realizariam.

Os membros da família perceberam que os três esfarrapados pareciam saber exatamente o que estavam fazendo. Os mendigos falavam dos abençoados campos de budas como se conhecedores íntimos destas esferas sublimes. Surpresa, a família manteve-se em silêncio e reuniu farinha de

centeio, água, manteiga, grãos, incenso, e tudo o mais que os homens pediam. Sua falecida mãe teria um funeral digno!

"Quem poderia imaginar que esses pobres errantes viriam nos ajudar assim?", a família exclamava, satisfeita com sua boa sorte inesperada. "Ao menos eles sabem preparar um belo espetáculo disso tudo!"

O mais jovem dos iogues agachava-se perto da fogueira, moldando as tormas para oferenda com mãos hábeis. A filha da casa, ao fazer suas tarefas de cozinha, tropeçou nele. Ela rudemente mandou-o sair do caminho, tratando-o com desrespeito, como se fosse um mendigo qualquer.

"Se lamas de verdade estivessem por aqui", a jovem mulher pensava para si, "eu não teria que conviver com estes três vagabundos. De qualquer forma, pelo menos eles sabem fazer um espetáculo ao realizar ritos funerais."

O jovem lama entendeu exatamente o que se passava por sua cabeça. Sorrindo benevolente e permanecendo em silêncio, ele completou sua humilde tarefa. Logo todas as preparações estavam terminadas.

Quando os três iogues começaram seu rito, um incrível silêncio preencheu o recinto. Um arco-íris apareceu acima da casa e, ao mesmo tempo, alguns cabelos caíram da cabeça do cadáver. Um calombo apareceu na sua abertura da coroa, do qual o princípio da consciência ejetou-se e transferiu-se para os campos de budas. A família inteira ficou assombrada. Nunca haviam esperado resultados tão dramáticos!

"Vocês realizaram um milagre!", o camponês exclamou. "Por gratidão, oferecemos três cavalos e um iaque para a viagem."

O mais jovem dos lamas falou diretamente: "Não queremos nada com cavalos, iaques e outros animais de carga. Três cavalos são somente três cavalos de problemas! Também não precisamos de nenhuma outra oferenda por fazer este serviço pela falecida. Mesmo que nos oferecessem todas suas posses, o que iríamos querer com elas?"

O dono da casa polidamente convidou-os para ficar e orar ali por três meses, três semanas, ou ao menos três dias. Então ele respeitosa perguntou ao jovem lama quem suas companhias eram de fato, pois ficou óbvio que estes não eram três viajantes comuns.

O jovem lama respondeu: "Já ouviram falar do sucessor ilustre de Jigmé Lingpa, Dodrup Chen Rinpoche?"

O camponês ficou boquiaberto. Hesitante, ele aventurou-se a perguntar o nome do outro venerável lama. "Este é o renomado mestre Dzogchen Jigmé Gyalway Nyugu em pessoa", disse o jovem lama, não mencionando seu próprio nome.

Instantaneamente, a família prostrou-se no chão de terra, implorando perdão por sua ignorância. Relutantes em deixar partir tão santa companhia, eles acompanharam os lamas a pé por um dia.

O jovem lama era ninguém mais do que o vagabundo iluminado Patrul Rinpoche, cujos escritos originais e impecável integridade nos inspiram ainda hoje.

**Mais Merda Nenhuma**

Konchog Paldron era a filha e sucessora espiritual do Mestre dos Tesouros Chogyur Lingpa. Reconhecida como uma encarnação de Tara Verde, ela foi uma memorável professora e mãe de muitos tulkus, lamas reencarnados.

KONCHOG PALDRON RECEBEU EXTENSIVOS ENSINAMENTOS de muitos mestres iluminados, inclusive do Mestre Manjusri Jamyang Khyentse e do primeiro Jamgon Kongtrul. Porém, foram as compassivas instruções orais de Patrul Rinpoche que despertaram sua mente búdica inerente. Ela mais tarde transmitiu os ensinamentos Dzogchen de Dza Patrul para muitos praticantes.

Um dia, falando em verso, Patrul lhe disse:

"Não prolongue o passado,  
Não convide o futuro,  
Não altere sua atenção natural -  
Não tema aparências.  
Não há nada além disso!"

Ao ouvir estas palavras, Konchog Paldron inesperadamente vivenciou grande iluminação. Patrul havia falado em um grosseiro dialeto nômade. A frase final soava como "Fora isso, não há mais merda nenhuma!".

Isto ficou conhecido como "O Ensino Mais-Merda-Nenhuma". Tem sido passado de mestre a discípulo até os dias de hoje.

## **Nome e Fama**

NA IDADE MADURA, JAMYANG KHYENTSE Wangpo resolveu nunca mais sair de seu quarto. Ele iria permanecer seus restantes quarenta anos meditando e rezando em retiro. "Jamais cruzarei a porta dessa casa", ele disse.

Depois de tomar este voto, Khyentse deu os sapatos a seus criados. Eles foram deixados num rio próximo.

Uma manhã, alguns anos depois, o clarividente Mestre Manjusri inesperadamente instruiu seus criados a receber quem quer que quisesse visitá-lo.

Mais tarde, naquele dia, um vagabundo anônimo apareceu. Ele foi direto para a ala pessoal de Khyentse Rinpoche e largou sua surrada mochila feita à mão no canto da cozinha. "Vim ver Ngédon. Onde está Ngédon?", ele perguntou.

Os servos imediatamente ofenderam-se. Esqueceram-se completamente das instruções do mestre. Quem era esse vagabundo maltrapilho para insultar seu glorioso mestre chamando-o pelo seu nome de família, Ngédon?

Ordenaram que o mendigo se fosse. "O mestre está em meditação profunda", disseram ao mendigo. "Talvez outra hora!"

O mendigo falou bruscamente: "Ele realmente é tão importante agora! Quando éramos jovens, eu dividia meu queijo com ele, e agora nem consigo passar por seus criados! Não tenho tempo a

perder". E começou a partir.

Repentinamente os servos lembraram das instruções incomuns. Apressadamente, perguntaram o nome do mendigo. O impaciente Patrul, já de saída, gritou, "Orgyen" - o nome de Padma Sambhava (bem como seu próprio) - sobre seu ombro e desapareceu nas colinas.

Naquela noite, Khyentse Rinpoche perguntou se alguém havia aparecido para visitá-lo. Um criado respondeu: "Só um velho vagabundo enjoado, que insultou seu nome. Ele grandiosamente chamou a si próprio Orgyen e não quis esperar".

"O quê?!" exclamou Khyentse Rinpoche. "Não o deixaram entrar? Aquele era meu irmão do Dharma Patrul Rinpoche, Orgyen Chokyi Wangpo. Encontrem-no e tragam-no aqui."

Os criados humilhados, finalmente, depois de uma longa e cansativa busca, encontraram Patrul acampado na floresta bem longe do vale. Prostrando-se, eles muito se desculparam e convidaram-no para ser o convidado de honra de seu venerável mestre. Gargalhando, Patrul respondeu que estava ocupado demais meditando para atender convites sociais.

Aquele foi o último contato direto entre os lendários parceiros. Apesar disso, um sempre sabia das atividades do outro, e frequentemente presenteavam seus discípulos com histórias e piadas a respeito um do outro.

### **Nyoshul Recebe a Transmissão**

Nyoshul Lungtok foi o principal discípulo de Patrul Rinpoche. Ele recebeu de seu mestre instruções pessoais em teoria e prática do Dzogchen por vinte e cinco anos, enquanto meditavam na natureza.

Darmakaya refere-se ao corpo sem forma do Buda, a verdade última, realidade ou natureza inata de todas as coisas. Vajra Sattva (Ser Adamantino) é a purificação branca do Buda.

O vazio-desperto é a abertura brilhante, sem centro, que é a luminosidade vazia do coração-e-mente despertados. Milarepa cantou: "A Natureza de Buda não pode ser encontrada procurando-se fora, portanto contemple a natureza de sua própria mente". A Mente-de-Buda refere-se à perfeição e transcendência inatas de nossa própria verdadeira natureza.

CERTA VEZ PATRUL RINPOCHE vivia com alguns discípulos num descampado perto do Ermitério Nagchung. Era costume seu deitar-se toda noite ao céu aberto, olhando para cima. Ele praticava a Ioga Dzogchen de Olhar-o-Céu, uma meditação profunda na qual misturamos a mente com o infinito do espaço aberto.

Um dia, meditando dessa forma, Patrul chamou Nyoshul Lungtok, que estava por perto, perguntando se ele ainda não havia realizado a natureza essencial da mente desperta. O discípulo confirmou que não havia.

Então Patrul disse: "Não te preocupes. Não há nada que tu não possas saber! Não penses nisto". O mestre riu; eles então continuaram meditando.

Nyoshul Lungtok teve um sonho recorrente no qual Patrul Rinpoche desfiava uma bola montanhosa de linha negra, revelando em seu centro uma estátua dourada de Vajra Sattva. Uma noite Patrul chamou Lungtok para deitar perto dele. "Agora desfiaremos tudo", ele prometeu. "Fique acordado!"

Juntos eles fitaram o firmamento vasto e vazio. Longe ouviam os cães latindo no Mosteiro Dzogchen.

Dza Patrul disse a Nyoshul Lungtok: "Amigo, ouves os cães latindo?"

"Sim", respondeu Lungtok.

"É isto!", o mestre exclamou. Então perguntou: "Vês as estrelas no céu?"

Lungtok novamente respondeu afirmativamente.

Patrul exclamou: "É exatamente isto! É tudo atenção iluminada intrínseca, Mente-de-Buda. Não desvie o olhar!"

Então ali, na escuridão, o olho de sabedoria não-dual de Lungtok abriu-se. Naquele mesmo momento sua própria mente e o Darmakaya estavam completamente inseparáveis; não havia nada para conhecer ou conquistar que não estivesse estado presente o tempo inteiro. Ele então chorou de alegria.

Dessa forma, Nyoshul Lungtok libertou-se da rede do apego dualista. Ele reconheceu e experimentou diretamente o vazio-desperto não-dual. Dali em diante, a Mente-de-Buda e sua própria atenção tornaram-se únicas e inseparáveis. Ele intuitivamente compreendia todas as experiências como o funcionamento da Mente-de-Buda e elevou-se acima da parcialidade e da limitação.

Como proclama o tantra chamado "O Rei das Deidades":

No veículo causal do caminho do sutra,

diz-se que todos os seres sencientes são dotados do potencial

para alcançar a budeidade.

No veículo da fruição, o caminho tântrico,

reconhece-se que a natureza essencial da

atenção intrínseca é budeidade.

Anos mais tarde, o próprio Nyoshul Lungtok contou isto novamente, terminando com uma citação de Longchenpa:

Tudo está no estado de budeidade. primordial;

o reconhecimento disto é o despertar espiritual.

Os seis sentidos deixados no seu estado natural compõem a perspectiva da Grande Perfeição natural.

Regozijando-se em tudo, simplesmente

deixe-a como é

e descanse sua mente fatigada.

## **O Rei dos Fantasmas**

Chogyur Lingpa e Dza Patrul eram jovens contemporâneos de Jamgon Kongtrul e Jamyang Khyentse Wangpo, que fizeram uma renascença budista no Tibete oriental do século dezenove. Ambos os mestres iluminados estudaram de uma forma não-sectária sob a orientação de muitos dos maiores mestres de seu tempo, recebendo transmissões de todos os ensinamentos sobreviventes e linhagens orais.

Diz-se que monges malvados renascem, em alguns casos, como reis fantasmas. Samaya refere-se aos votos e compromissos tântricos.

CERTA VEZ CHOGYUR LINGPA DISSE AO abade Khenpo Rinchen Dargyé, um de seus principais discípulos: "Deverias ir a Dzachuca e receber ensinamentos de Patrul Rinpoche, especialmente o Bodhicharya-avatara, de Shantideva, que ele sabe de cor. Ele é um professor inesquecível, transborda sabedoria e bênçãos".

O Mestre dos Tesouros graciosamente deu a seu erudito discípulo uma carta de recomendação pessoal, dirigida a Patrul, dizendo: "Por favor, dê roupas, alimento e Darma a este meu orgulhoso discípulo".

Khenpo Rinchen Dargyé era um monge completamente ordenado, um exemplar detentor dos três veículos da tradição Budista: Theravada, Mahayana e Vajrayana. Pela sua aparência externa era um renunciante desapegado, um desabrigado monge seguidor do caminho, enquanto sua atitude interna era a de um bodisatva compassivo, cujos votos altruístas infalivelmente colocavam as necessidades dos outros diante das suas. Secretamente, ele era um desinibido praticante dos ensinamentos não-duais do Tantra Budista Vajrayana.

Carregando seus imaculados trajes monásticos num ombro, sua grande vasilha de esmolas nas costas e sua bengala de mendicante na mão, finalmente o khenpo, depois de muitos dias a pé, chegou à presença de Patrul. Enquanto o venerável abade prostrava-se perante Patrul, este exclamou: "Ah-yii! Aqui está o rei dos fantasmas!".

Então levantou-se rapidamente, sem dar chance a Khenpo Rinchen Dargyé de oferecer as três prostrações formais. Rinchen Dargyé mal conseguiu apresentar sua carta de apresentação, que Patrul jogou num canto escuro, antes de ser expulso da cela espartana do lama.

No outro dia, reunindo sua coragem, o khenpo novamente apresentou-se a Patrul, o vagabundo iluminado. Ele pediu instrução espiritual e orientação, especialmente ensinamentos sobre a "Entrada no caminho do Bodisatva", o Bodhicharya-avatara, como seu professor Chogyur Lingpa havia instruído.

Patrul replicou: "Não posso dar-te estes ensinamentos. Não sou professor; não há nada que eu possa fazer por uma pessoa importante como tu. Que queres de um velho tolo que nem eu?". E o khenpo foi novamente expulso do recinto.

Na manhã seguinte, Rinchen Dargyé renovou seu pedido. Patrul disse a ele: "Bem, fique por aí; então veremos". Por um mês, o implacável Patrul não pronunciou uma palavra sequer de instrução na presença do khenpo. Rinchen Dargyé aparecia diariamente, prostrava-se ao mestre e sentava

alimentando esperanças e bebendo chá fraco – finalmente ia embora.

Sendo uma das mais altas regiões de Kham, Dzachuka era fria e assolada por ventos. O rigores incomuns da montanha rugosa de Patrul provaram-se inconfortáveis para o elegante abade. Finalmente Rinchen Dargyé confessou ao mestre: "O Mestre dos Tesouros Chogyur Lingpa enviou-me para receber ensinamentos de ti. Mas se não vais me conceder nem uma palavra de conselho ou instrução, devo retornar a ele de mãos vazias. Porém, se, por preocupação compassiva, tu gentilmente consentires em me ensinar, por favor saibas que tenho fervorosa fê tanto em ti quanto na linhagem impecável que representas e corporificas. Eu realmente desejo praticar teus ensinamentos ao ponto mais alto. Não tenho votos monásticos quebrados, nem samaya Vajrayana danificado, e tenho purificado todos os pensamentos invertidos. Por favor, ensina teu servo humilde!". O famoso abade e erudito continuava a assediar o mestre vestido em trapos de ovelha.

Sem dar muita atenção a esta fala elaborada, o lacônico Patrul replicou despreocupado: "Tá, volta amanhã". Na manhã seguinte, quando Rinchen Dargyé apareceu, Patrul deu a ele um robe monástico dizendo: "Aqui está a roupa". Então presenteou o abade com uma perna de carneiro. "Aqui está a comida", ele disse. Enfim, Patrul presenteou o khenpo com um volume do Bodhicharya-avatara, dizendo: "Aqui está o Darma".

Então o provocativo mestre concluiu: "Pois é, agora tu já recebeste roupa, comida e Darma, como queria o Mestre dos Tesouros. Amanhã deves ir".

Profundamente desapontado, Rinchen Dargyé prostrou-se perante Patrul no chão de terra, curvando-se várias vezes, fervorosamente gritando: "Por favor, dá-me ensinamentos!".

Patrul disse impassível: "Chogyur Lingpa disse para te dar roupa, comida e Darma. Já te dei; é isso". Porém, Rinchen Dargyé persistiu implorando a Patrul para libertá-lo da ilusão através dos preciosos ensinamentos, para benefício dele e dos outros.

Finalmente, quando intuiu que Rinchen Dargyé estava maduro, o mestre sutilmente começou a ensinar. Continuou por muitos meses. Khenpo Dargyé rapidamente progredia, finalmente tornando-se um dos grandes mestres de seu tempo.

O khenpo ficou eternamente grato a Patrul pelas lições pessoais que recebeu – não somente pelos ensinamentos formais, mas também pelos modos bruscos e dureza que o mestre continuou a mostrar, de forma a eliminar o orgulho e pretensão de Rinchen Dargyé.

O khenpo sempre contava que Patrul o havia chamado de "Rei dos Fantasmas" no primeiro encontro e que o havia purificado por fazê-lo esperar tanto, porque percebeu que Rinchen Dargyé estava afetado por um resíduo oculto de autoestima, por ser um erudito e monge exemplar.

### **Onde Todas as Orações são Concedidas**

CERTA VEZ KHENPO TASHI OZER ESTAVA retornando do Tibete central, acompanhado por um grupo de peregrinos. Entre eles estava uma jovem monja que era a reencarnação da famosa Dorje Pagmo de Yardrok. A companhia chegou a um vale nas montanhas acima do Mosteiro Dzagyal, onde Patrul Rinpoche, perto do fim de sua vida, estava vivendo isolado numa tenda de pele de iaque. Os viajantes duvidavam chegar a encontrar Patrul, que geralmente evitava encontros casuais.

"A vida é curta", Patrul dizia, "e a morte é iminente. Não procrastine."

Muitos dos peregrinos disseram que preferiam continuar a viagem do que se arriscar a não encontrar o famoso eremita. "Não se preocupem; o encontraremos", afirmava Khenpo Tashi.

Quando se aproximaram da tenda, a voz de Patrul podia ser ouvida: "Aí vem o grande Khenpo Tashi, exibindo sua jovem monja aristocrata do Tibete central. As pessoas nunca me deixam em paz! Ah-yii! Elas serão minha morte!".

Khenpo e seus seguidores imploraram ao mestre acuado, pedindo uma audiência. De dentro da tenda veio a resposta: "Não podem entrar! As pessoas nunca ouvem nada do que digo!".

"Sim, sim - nós ouviremos, nós ouviremos!", fizeram coro em resposta.

Patrul retrucou: "Então vão ao Mosteiro Dzagyal onde o corpo embalsamado de meu guru, Jigme Gyalway Nyugu, está num santuário. Ele era a deidade Chenrezig, Grande Compaixão, em pessoa; encarar seus restos é o mesmo que encontrar o Buda compassivo. Se fizerem oferendas para aquela relíquia sagrada, não encontrarão obstáculos nesta vida e certamente progredirão até a liberdade nas vidas futuras, finalmente alcançando a grande paz do Nirvana. Qualquer prece feita na frente daquelas relíquias certamente será concedida".

De acordo com essa ordem, todos desceram ao Mosteiro Dzagyal. Por três dias ofereceram orações, lamparinas de manteiga, prostrações, circum-ambulações, e banquetes sagrados. Somente então retornaram ao acampamento de Patrul.

Os peregrinos, ainda céticos sobre suas chances de encontrar Patrul, novamente foram tranquilizados por Khenpo Tashi Ozer. "Não se preocupem, desta vez certamente vamos conhecê-lo."

Logo que se aproximaram da tenda, Patrul Rinpoche lamentou-se: "Estes sujeitos inquietos serão meu fim! Não podem deixar um velho em paz?".

Tashi Ozer dirigiu-se a ele: "Disseste que não ouviríamos a ti, mas ouvimos. Rezamos e fizemos oferendas perante as relíquias de Jigmé Gyalway Nyugu. Mas tu disseste que qualquer oração que fizéssemos se tornaria verdade; infelizmente, não parece ser o caso".

"O quê?!", exclamou um Patrul descontente e perplexo. "Isso é impossível! Que oração que fizestes que não se realizou? Nunca ouvi uma coisa dessas."

"Oramos: 'Possamos conhecer Patrul Rinpoche'", o inteligente khenpo respondeu.

Após um momento de silêncio, Patrul falou de novo. Agora tinha largado o tom grosseiro. "Tudo bem, tudo bem", ele concordou, "entrem".

Ele abriu a cortina cobrindo a porta de sua tenda. Então partiu direto para os ensinamentos, começando com os quatro pensamentos que transformam a mente e continuando com refúgio, Bodicita, e outros tópicos. Todos os presentes se tornaram fervorosos seguidores de Patrul.

Sempre que Patrul ia apresentar homenagem aos restos de Gyalway Nyugu, ele orava fervorosamente:

"Em todas minhas vidas futuras,  
Possas eu jamais cair sob influência de más companhias;  
Possas eu jamais machucar até mesmo um fio de cabelo de qualquer ser vivo;

Possa eu jamais ser privado da sublime luz do Dharma.

"Possa quem quer que se conecte comigo de qualquer forma possível  
Ser purificado até mesmo dos mais sérios pecados;  
Possa ele ou ela fechar a porta para o renascimento nos reinos inferiores,  
E renascer na bem-aventurada Terra-de-Budas de Chenrayzig, Dewachen."

Desde então aos dias de hoje, diz-se que suas preces foram bem-sucedidas. Mesmo ler sobre Patrul é ter a grande sorte que inevitavelmente vem de tão auspiciosa conexão.

## **Perfeita Generosidade**

Por muitos anos Patrul Rinpoche utilizava o que quer que fosse oferecido a ele para patrocinar a escultura de mantras em pedras, que então eram empilhadas para formar um muro de orações. Dessa forma, ele sustentava muitos artesãos indigentes e paupérrimos, inspirando-os a trabalhar. Patrul certa vez cantou:

"Seja bom com os destituídos,  
seja paciente e gentil com os malvados,  
seja bom com os aflitos,  
seja gentil com os tolos,  
Empatize com os fracos e oprimidos,  
seja especialmente compassivo para com aqueles que se apegam  
a uma realidade concreta."

INEVITAVELMENTE, APÓS DAR ESMOLAS AOS mendigos, Patrul parecia ainda mais feliz do que eles. Ele preferia o som de alguém mendigando ao som de música ou conversa.

Uma vez um pobre escultor chamado Phukhop implorou dinheiro a ele. "Pobre amigo", disse Patrul, "apenas diga, 'não preciso de dinheiro', e eu te darei algum."

"Que tipo de brincadeira é esta?", Phukhop pensou, sem dizer nada.

Depois que Patrul Rinpoche repetiu seu pedido três vezes, o amarrado Phukhop finalmente murmurou: "Não preciso de dinheiro". O mestre, então, presenteou-o com um grande punhado de moedas.

Já que Patrul nunca perdia uma oportunidade de dar esmolas sob nenhuma circunstância, um discípulo pediu uma explicação sobre o comportamento do mestre.

Patrul contou esta história: "Uma vez, durante a vida de nosso guia espiritual, Buda Sakyamuni, um homem pobre ofereceu-lhe um pouco de doce. Um ganancioso Brâmane imediatamente pediu pelo doce, sabendo que o Buda nunca dizia não. O Buda respondeu: 'Apenas diga, "Gautama, não preciso deste doce", e eu o darei a ti.' E assim foi feito".

"Mais tarde, Ananda pediu a Buda que explicasse. O Buda então detalhou: 'Através de quinhentas vidas, este Brâmane nunca nenhuma vez sequer pronunciou as palavras "Eu não preciso". Eu o ajudei a pronunciar essas simples palavras de forma a gerar nele o sentimento de não precisar de nada. Diluindo a ganância, estas palavras plantarão nele as sementes da generosidade.'"

Então, por vários dias, nenhum escultor necessitado aproximou-se de Patrul. As oferendas dos fiéis

empilhavam-se, já que não havia ninguém para quem distribuí-las. Repentinamente os olhinhos de Patrul brilharam. "Estão chegando!", ele gritou, reunindo todo seu dinheiro.

Quatro ou cinco escultores logo chegaram. Assim que os mendigos chegaram a sua presença, antes mesmo que pudessem falar qualquer coisa, Patrul exclamou: "Aqui está!" e entregou-lhes punhados de dinheiro. "Esculpam pedras mani!" Ele adicionou: "Cultivem virtude".

Depois que os escultores se foram, Patrul comentou: "Até que enfim me livrei daquela velharia! Tão inútil como um cadáver apodrecendo no chão!".

### **Prostrações a um Vagabundo Iluminado**

Dza Patrul Rinpoche foi o maior mestre Dzogchen (Grande Perfeição) da virada do século. Famoso como professor, poeta e autor, viajou pelo Tibete oriental completamente anônimo, vestindo um traje nômade feito à mão de pele de ovelha. Poucos reconheciam este reverenciado lama ao qual todos queriam conhecer.

UMA VEZ PATRUL RINPOCHE DEPAROU-SE com uma caravana de lamas que estavam a caminho de uma grande reunião e juntou-se a eles. Ele estava tão maltrapilho, e era tão comedido, que foi tratado como um praticante mendicante comum. Ele tinha que ajudar a preparar o chá, apanhar a lenha e servir os monges da comitiva enquanto viajavam por uma região remota de Kham, no Tibete oriental.

Um dia, alguns deles ouviram que um importante lama estava dando uma grande transmissão, iniciação e ensinamentos Vajrayana (Veículo do Diamante) perto dali, e a comitiva inteira apressou-se para comparecer.

Quando chegaram, todos os lamas e membros importantes do clero presentes adornaram-se com trajes monásticos completos, chapéus, coroas e adereços; selas ornamentadas e grinaldas decoravam alegremente suas montarias.

Longos berrantes, conchas e trombetas de bronze ofereciam uma verdadeira sinfonia de sons celestiais. Cada reverenciado lama estava sentado em um trono, sua altura de acordo com a hierarquia oficial... Então os rituais e iniciações começaram.

Ao fim da iniciação, todos aproximaram-se para apresentar oferendas ao mestre regente e receber a bênção de sua mão sobre a cabeça. Patrul, que estava sentado quietinho atrás da congregação o tempo todo, entrou no fim da longa fila, esperando pela bênção. Enquanto a coisa progredia vagarosamente, cada um prostrava-se perante o trono do grande mestre, oferecendo uma echarpe branca e recebendo uma bênção.

No início, o lama tocava um por um com a mão. Então, como a congregação era muito grande, começou simplesmente a tocá-los com uma longa pena de pavão. Assim continuou, até que o maltrapilho vagabundo chegou diante dele. Os olhos do mestre regente arregalaram-se surpresos: esta figura maltrapilha era ninguém mais do que o Buda vivo, o supremo mestre Dzogchen Dza Patrul!

Descendo do trono, o grande lama curvou-se ao chão. Enquanto a massa ficava boquiaberta, ele ofereceu a Patrul a pena de pavão e prostrou-se repetidas vezes diante do sábio, que sorria gentil.

## **Relíquias de Cabelos Sagrados**

Patrul Rinpoche não gostava de bajuladores. Quando este mestre direto, franco, realista e imparcial percebia puxa-sacos, ele chamava-os de "mentes desviadas". Os lamas frequentemente amarram cordinhas vermelhas em volta dos pescoços de seus seguidores, como proteção e bênção. Acredita-se que o cabelo, unhas, roupas e assemelhados dos lamas contêm bênçãos comunicáveis aos fiéis; portanto, são preservados e mantidos.

UM DIA, UM LAMA CHAMADO Longna Tulku veio visitar Patrul Rinpoche. Enquanto Longna Tulku prostrava-se na porta, Patrul Rinpoche observou brincalhão: "Parece que alguém está se prostrando aqui – por que será?"

Longna (que significa bambu d'água) apresentou-se. "Ah-zi!", exclamou o mestre. "Que tempos estranhos vivemos; agora até os bambus tem tulkus!"

Gargalhando, Longna retrucou: "Bem, se podem haver tulkus 'troncos', por que não 'bambus d'água' - pelo menos é madeira verde e viva!". Foi um inteligente trocadilho com o nome da reencarnação do guru de Patrul, Dza Trama Tulku, pois "trama" pode significar tanto pedaços pequenos de madeira seca quanto um lugar no Tibete oriental.

Patrul não disse nada. Ele ficou obviamente satisfeito com a resposta do lama. E sabia que seu visitante tinha incomensurável respeito pelos praticantes do Dzogchen.

Longna Tulku sentou-se aos pés de Patrul. Enquanto conversavam, ele pegou discretamente alguns cabelos humanos do tapete para manter como relíquias. Percebendo o que seu visitante estava fazendo, Patrul rosnou: "Qual é a tua?"

Sabendo que Patrul Rinpoche não aprovaria seus cabelos perdidos sendo feitos de relíquias, Longna Tulku charlateou: "O gado de meus discípulos foi atingido por uma epidemia, e os lobos sempre os atacam. Se eu amarrar estes cabelos em volta de seus pescoços, isso os protegerá".

Patrul Rinpoche não se deixou enganar. Porém, consciente da sinceridade do visitante, não somente o deixou juntar o cabelo mas também tirou uma peça de roupa que estava vestindo e deu-a Longna – uma cortesia especial, sem dúvida.

"Aqui esta uma proteção para o teu rebanho", ele gesticulou gentil. "Com um pastor malandro assim para cuidar deles, eles precisam de toda proteção que conseguirem!"

## **Sinal Secreto**

Certa vez, quando Patrul Rinpoche estava em retiro, alguns monges eruditos que se opunham a suas visões não-sectárias foram até a entrada de sua caverna com a intenção de refutar publicamente suas ideias ecumênicas em debate. Eles chegaram acompanhados de uma vasta multidão de monges e curiosos dos vilarejos mais próximos. Patrul Rinpoche recebeu os convidados com sua usual cortesia e humildade. Então um dos monges eruditos perguntou a ele qual era sua afiliação religiosa, pensando que responderia "Nyingmapa". Porém, Patrul Rinpoche respondeu que era apenas um seguidor do Buda. Novamente, tentando estabelecer suas conexões Nyingmapa, o monge perguntou o nome de seu lama de refúgio e de seu Guru Raiz, na esperança de que Patrul Rinpoche respondesse que era Gyalwe Nyugu. Mas Patrul Rinpoche respondeu que seu Guru Raiz, com quem havia tomado refúgio, era Triratna (as Três Joias, Buda, Darma e Sanga). Estas respostas deixaram

seus oponentes sem ter como começar o debate.

Então, frustrado, o chefe da comitiva de monges eruditos e mestre em debates perguntou a Patrul Rinpoche que nome secreto (gsang mtshan) lhe havia sido conferido quando da sua iniciação pelo seu Guru Raiz, pois isto certamente indicaria sua afiliação Nyingmapa, "sem dúvida alguma. Patrul Rinpoche levantou sua vestimenta e mostrou seu pênis, indicando que aquele era seu "nome secreto". Em tibetano castiço, o pênis é chamado gsang mtshan, ou "sinal secreto". A multidão caiu na gargalhada. Abandonando os esforços de armar um debate com Patrul, os arrogantes monges eruditos partiram, um tanto humilhados.

[de "Golden Letters"]

## **Um Grande Banquete**

PATRUL RINPOCHE E SEU DISCÍPULO Nyoshul Lungtok estavam em Doyul, meditando num retiro solitário nas montanhas. De tempos em tempos, outros discípulos juntavam-se a eles. Ouvindo que seu mestre mercurial Doe Khyentse estava num vale perto dali, Patrul disse a Lungtok: "Vamos dar uma caminhada".

Logo chegaram a uma vasta planície. Longe, perto de um grande lago, viram um acampamento de tendas brancas. Incontáveis ovelhas pastavam perto dali. Aqui estavam Doe Khyentse, acompanhado pelo segundo Dodrup Chen; eles pastoreavam ovelhas até Datsedo, como faziam todos os anos. Patrul ergueu as mãos na direção deles com as palmas juntas em reverência.

Chegando nas tendas, encontraram uma cena movimentada. Um criado levou-os diretamente a Doe Khyentse Yeshé Dorje, que estava sentado, vestido com pele de ovelha branca, seu rifle ao lado e seus cães caçadores a seus pés. Nas redondezas, estava Dodrup Chen Rinpoche, também vestido de branco.

Com uma grande faca de caça, Doe Khyentse simultaneamente raspava e comia grandes pedaços de carne. Deleitado ao ver Patrul, convidou os recém-chegados para sentar num belo tapete tecido à mão.

Então chamou um criado e ordenou o abate de uma ovelha para os visitantes.

Patrul era conhecido por sua não-violência. Ele jamais machucaria uma criatura viva, nem mesmo o menor dos insetos. Além disso, ele cansativamente repudiava o costume nômade de abater rebanho de forma a fazer banquetes para festividades Budistas, e proibia a matança de animais em suas visitas. Ao contrário da maioria dos tibetanos, Patrul era vegetariano.

O criado fez como instruído. Quando retornou, ofereceu o melhor corte a Patrul, que aceitou com entusiasmo. Nyoshul Lungtok, porém, comovido por compaixão pela ovelha, teve que se forçar a comer, de forma a não ofender seu exaltado anfitrião.

Lendo a mente de Lungtok, Doe Khyentse jogou um grande pedaço de carne em seu colo. "Aqui – este é pra ti!", ele exclamou. Patrul continuava comendo em silêncio.

Quando a refeição terminou, Patrul pediu a iniciação de dakini Longchen Nyingthig, chamada "Rainha do Grande Êxtase." Doe Khyentse disse: "Tenho mantido esses ensinamentos secretos, mas agora chegou a hora; hoje concederei-os a ti. Viverás oitenta anos e ajudará a todos que encontrares. Apenas ouvir teu nome fechará as portas para o renascimento nos reinos inferiores".

Finalmente Patrul e Lungtok foram embora. Olhando para trás de uma passagem montanhosa, eles viram um pontinho branco no grande pasto aberto, que era o grande rebanho de ovelhas.

Patrul Rinpoche disse: "Estes dois, Doe Khyentse e Dodrup Chen, são Budas vivos. Se tivesses visão pura, os teria visto como genuínas encarnações do Rigdzin Jigmé Lingpa e seu discípulo, o primeiro Dodrup Chen Rinpoche.

"Tenho ensinado-te o Darma por um longo tempo, mas não posso garantir que irás para o paraíso de Padma Sambhava na Montanha Cor-de-Cobre quando morreres. Ainda assim, todas aquelas ovelhas, sem nenhuma exceção, através da benção excepcional daqueles dois sábios iluminados, irão direto para Zangdok Palri no momento em que morrerem. Não seríamos afortunados estando naquele rebanho?"

Assim, o comportamento iconoclástico ultrajante dos mestres tântricos foi explicado.

### **Um Ladrão é Convertido**

QUANDO PATRUL RINPOCHE ENSINOU o Bodhicharya-avatara em Zhamthang, um velho ofereceu-lhe uma peça de prata moldada na forma de uma ferradura. O homem tinha poucas posses, mas sentindo grande fê em Patrul, sabia ser meritório fazer uma oferenda.

Depois de uma semana de ensinamentos, Patrul deixou o distrito. Um ladrão, que havia visto Patrul receber a ferradura, seguiu-o com a intenção de roubá-la.

Patrul caminhava sozinho, sem nenhuma outra motivação além de passar suas noites em paz sob as estrelas. Naquela primeira noite, o ladrão escondeu-se na escuridão enquanto Patrul dormia. Perto de Patrul jazia uma pequena bolsa de tecido e uma tigela de barro. Cuidadosamente o ladrão começou a explorar as roupas de Patrul.

Suas mãos acordaram o lama, que exclamou: "Ka-ho! Que estás fazendo, mexendo em minhas roupas?"

O ladrão respondeu alarmado: "Alguém te deu uma grande peça de prata. Passa ela para cá!". "Ka-ho!", gritou o mestre. "Olha que confusão fizeste de tua vida, correndo por aí como um louco! Vieste até tão longe só por causa daquela prata - idiota! Ouça: vai agora e, pela aurora, alcançarás o montinho de grama onde sentei... A prata está ali perto. Utilizei-a como uma pedra para apoiar minha tigela. Olhe nas cinzas da fogueira do acampamento."

O ladrão duvidou, mas viu que a prata não estava mais com Patrul. Parecia muito improvável que a ferradura estivesse abandonada no acampamento; apesar disso, ele voltou para conferir. Quando chegou onde o mestre havia ensinado, ele procurou e encontrou a prata, entre as cinzas da fogueira.

O ladrão ficou totalmente chocado e lamentou-se: "Ah-zi! Este Patrul é um lama de verdade, sem apegos mundanos, enquanto eu só ganhei mau carma pela intenção de roubar-lhe. Agora certamente irei para o inferno!".

Perseguido pelo remorso, ele dirigiu-se para encontrar Patrul novamente. Quando finalmente chegou, o mestre lhe perguntou: "Aqui de novo, louquinho! Eu te disse onde encontrar o que querias. O que queres agora?"

Muito agitado, o ladrão explicou, soluçando: "Não é isso - encontrei a prata. Mas pequei por conspirar contra ti, um verdadeiro ser espiritual! Estava prestes a surrá-lo e pegar tudo que tens! Ofereço minha confissão e imploro seu perdão".

Patrul o acalmou. "Não há necessidade de oferecer uma confissão ou pedir perdão. Apenas tenha um bom coração e ore para as Três Joias (Buda, Darma e Sanga); isso será suficiente."

Mais tarde, quando outros descobriram o que havia acontecido, perseguiram e surraram o ladrão. Patrul Rinpoche berrou a eles: "Se machucam meu discípulo, é como se estivessem me machucando. Deixem-no em paz!".

### **Uma Cerimônia de Chá Tibetana**

PATRUL RINPOCHE ACAMPAVA PRÓXIMO ao lugar da famosa parede de pedras mani que sua encarnação anterior, Palgyé Tulku, havia começado e que ele mesmo havia completado. Era o ponto mais alto do inverno quando, bem cedo de manhã, uma garotinha vestindo uma roupa surrada de pele de marmota entrou em sua tenda.

Patrul perguntou por que ela saiu tão cedo num tempo tão ruim. A garotinha, congelada até os ossos, respondeu que estava procurando pela sua iaque fêmea.

O benevolente sábio ancião disse: "Venha, tenho algum chá quente e mingau".

Os nômades tibetanos geralmente carregam suas tigelas de chá feitas de madeira nas dobras das roupas. Quando Sotsé, o ajudante de Patrul, estava prestes a servir o chá, ele percebeu que a menina não tinha sua tigela com ela. Patrul imediatamente retirou sua própria tigela da mesa em frente, encheu-a com chá amanteigado quente e farinha torrada de cevada, e entregou-a para a garota.

A tímida criança hesitou. O ajudante de Patrul também surpreendeu-se... É impensável que uma pessoa comum beba do recipiente de um grande lama. Mas com o encorajamento do mestre, ela finalmente colocou a tigela nos lábios e bebeu, instintivamente aquecendo simultaneamente as mãos na morna madeira polida.

Patrul Rinpoche ficou satisfeito em ver a criança relaxar. Depois de ingerir a comida e bebida quentes, ela limpou completamente o recipiente com a imunda pele de sua roupa de marmota. Então, com ambas as mãos esticadas, ela respeitosamente devolveu o recipiente a Patrul.

"Talvez minha tigela estivesse muito suja pra ti, pequenina, já que quisestes limpá-la!", implicou Patrul. Sem lavá-la, ele serviu algum chá para si próprio.

Ele então pediu a seu discípulo Sotsé que ajudasse a criança a encontrar o iaque perdido. "E mantenha as mãos dela quentes!", ordenou Patrul.

### **Uma Fortaleza Assombrada**

Patrul Rinpoche ensinou o extenso clássico sânscrito Bodhicharya-avatara em detalhe, de memória, mais de cem vezes. Seu próprio comentário escrito, elucidando a essência da Bodicita e as Seis Perfeições, é um clássico tibetano.

Durante a segunda metade de sua vida produtiva, este mestre manteve o voto de jamais dormir sob

um teto e vivia como um iogue mendicante. Patrul era vegetariano, nunca cavalgou ou explorou animais de carga, não acumulou posses ou séquito, e realmente incorporava a Grande Compaixão, Avalokitesvara. Patrul era a reencarnação de Shantideva.

EM NYARONG HAVIA uma fortaleza assombrada cujos espíritos eram ouvidos berrando alto, mesmo à luz do dia. Ninguém ousava chegar perto.

Uma vez, ao fim de alguns ensinamentos, Patrul Rinpoche disse que se alguém fosse na fortaleza e recitasse o Bodhicharya-avatara cem vezes, os espíritos se libertariam. Um discípulo próximo, Tsanyak Sherab, imediatamente ofereceu-se. Todos os nativos sacudiram as cabeças, temendo que nunca mais veriam o popular lama de novo – que pena!

Chegando na fortaleza assombrada, o corajoso Tsanyak Sherab jogou sua almofada no chão de um recinto vazio. Então gerou intensa compaixão e Bodicita altruísta, meditou na vacuidade, e começou a recitar alto os dez capítulos do Bodhicharya-avatara, de Shantideva.

Dia após dia, ele continuou. Quando os nativos viram fumaça saindo do fogo que Sherab acendeu para ferver água para o chá, eles exclamaram: "Ele não está morto!". Um dos mais bravos nativos reuniu sua coragem e foi ver o que havia acontecido na fortaleza assombrada.

Para sua surpresa, encontrou Sherab pacificamente ensinando a escritura para uma audiência invisível. Depois o homem voltou e relatou os fatos; dia após dia, mais nativos viajavam ao forte para ouvir. Quando Sherab estava alcançando sua centésima recitação do extenso livro, a vila inteira sentava em êxtase perante ele.

Misteriosamente, dali em diante, nenhum espírito gritou novamente. Ao contrário, frequentemente as pessoas iam ali para rezar, meditar e ser inspiradas pela lembrança da presença de Patrul.

## **Viagens Tântricas**

Choying Rangdrol era um mestre iluminado que não possuía bens mundanos. Dia e noite ele sentava numa almofada de meditação, vestindo somente uma pele solta de ovelha.

Sem educação formal, ele havia atravessado o caminho do despertar. "Os iogues não querem e não precisam de nada além da natureza imutável do autêntico ser", ele cantava.

UM DIA PATRUL RINPOCHE – QUE RECEBEU extensivos ensinamentos de Choying Rangdrol – estava sentado com o mestre de meditação, quando este perguntou: "Aliás, o que anda fazendo ultimamente Mingyur Dorje do Mosteiro Dzogchen?"

Patrul Rinpoche deu algumas notícias, Choying Rangdrol lembrou: "Estes caras do Dzogchen não tratam Mingyur Dorje do jeito que deviam. Se conhecessem sua real identidade, seria diferente. Um verdadeiro Siddha raramente revela todas suas qualidades intrínsecas".

Mais tarde, sem razão aparente, Choying Rangdrol disse: "Durante as grandes reuniões no Mosteiro Dzogchen, Mingyur Dorje senta num trono alto, não longe da porta, de frente para o centro; isto é meio esquisito, não é? O trono do professor costumava ser perto do altar".

Então ele continuou lembrando vários costumes e personagens do Mosteiro Dzogchen. Por toda a conversa, Patrul Rinpoche – que havia estudado em Dzogchen – concordava, inclinando a cabeça, aparentemente compartilhando das reminiscências do mestre de meditação. Um jovem neófito,

Pema Dorje, que estava presente (e que mais tarde se tornou o principal khenpo [abade] do Mosteiro Dzogchen) pensou: "Como pode este lama analfabeto saber tanto sobre nosso mosteiro? Ele deve ter estado por lá durante sua juventude".

Finalmente o curioso rapaz perguntou ao mestre de meditação: "Venerável lama, tens ido ao Mosteiro Dzogchen?". "Poderia dizer que sim", o mestre respondeu.

"Quando?"

"Todo ano eles realizam a cerimônia da Grande Reunião. Quando, do trono, Mingyur Dorje toca um pequeno tambor de marfim e canta a invocação: 'Vidyadharas, detentores do estado desperto atemporal, dakas, dakinis, venham com seus séquitos - venham e participem do banquete vajra', então todas as deidades da mandala universal, bem como os patriarcas da linhagem ancestral, têm que responder a este convite auspicioso. Portanto, foi assim que eu visitei Dzogchen. De outra forma, nunca visitei fisicamente teu mosteiro."

O jovem Pema Dorje percebeu que Choying Rangdrol era um siddha clarividente, com qualidades intrínsecas extraordinárias, e que podia transcender tempo e espaço. Cheio de fé, o menino curvou-se perante o mestre e recebeu sua benção.

Algum tempo depois, Pema Dorje seguiu Choying Rangdrol e Patrul à Budeidade.

## **Alguns Contos Tibetanos**

### **A Escritura da Sabedoria Transcendental é Transmitida**

Na tradição Budista, a "linhagem sussurrada" é um dos principais meios de preservar a transmissão contínua da chama da iluminação que está além do nascimento e da morte. O Sutra Prajna Paramita, a escritura da Sabedoria Transcendental, é um dos mais essenciais textos Mahayana.

O venerável Kangyur Rinpoche foi um mestre de Dzogchen nascido em Riwoché no leste do Tibete logo antes da virada do século. Ele recebeu a transmissão completa dos sutras e tantras de muitos dos grandes professores de seu tempo, e passou muitos anos meditando em retiro. Um autor e descobridor de tesouros, ele deu muitos ensinamentos, morrendo em 1975 no mosteiro que construiu em Darjeeling.

CERTA VEZ O JOVEN KANGYUR RINPOCHE e um amigo ouviram do mestre da virada do século, Miphan Rinpoche sobre um siddha ou adepto imortal, que tinha transcendido completamente este mundo e que vagava pelas montanhas como um animal selvagem. Dizia-se que este mestre de louca sabedoria havia recebido a transmissão direta, única e intacta do longo Sutra Prajna Paramita diretamente da Rainha Tibetana Yeshe Tsogyal, que por sua vez havia recebido-a do próprio Guru Padma Sambhava em pessoa. Nenhuma pessoa viva poderia dizer qual a idade do siddha; pelo que todos podiam lembrar, ele sempre era velho!

Os dois despreocupados jovens iogues determinam-se a receber a preciosa transmissão oral diretamente do próprio siddha, não importando o que teriam que fazer para encontrá-lo. Então eles seguiram pelas montanhas, carregando provisões básicas e cantando alegremente.

Por semanas os jovens caminharam pelo longínqua vastidão, procurando o siddha. Um dia eles o viram, galopando de quatro entre uma manada de antílopes do Himalaia. Ele era o ser humano mais peludo que eles já haviam visto!

Eles estão prontos para qualquer coisa – ainda assim, a visão deixou os jovens pasmos. Seguindo a manada, eles localizaram o adepto imortal. Ele tentou escapar, desaparecendo na abertura semioculta de uma caverna.

Destemidos, os iogues colocaram-se diante da caverna, respeitosamente requisitando ensinamentos e convidando-o a sair. O siddha, porém, não reapareceu. Os lamas fizeram inúmeros pedidos, ofereceram prostrações e orações, cantaram lindas canções de convite e louvor, e invocaram a deidade Prajna Paramita, a personificação da própria vacuidade, a infinita abertura da realidade absoluta.

Então Lama Kangyur e seu amigo começaram a oferecer um banquete vajra. Quando os iluminados, os detentores da linhagem, dakas e dakinis foram invocados e convidados a partilhar da oferenda, o divino homem louco – como se fosse um deles – foi forçado a sair.

"Como se chama?" eles perguntaram. "Como se chama?" ele repetiu, piscando os olhos. "Quantos anos tu tens?" os lamas queriam saber. "Quantos anos tu tens?" o siddha respondeu.

Ele apenas repetia seus comentários. Fora isto, o siddha nu de olhos brilhantes mantinha silêncio. Os lamas ofereceram a ele o elixir da gnoses, utilizando uma copa de crânio cheia de vinho de cevada, e cantaram canções espontâneas de realização. Finalmente o exausto siddha começou a cantar.

Primeiro ele cantou que não havia falado linguagem humana por mais de uma década; não haviam ensinamentos nele ou fora dele, ele cantou. Repentinamente os dois lamas emocionaram-se de alegria e seu cabelo arrepiou, pois eles reconheceram os versos de abertura do glorioso Sutra Prajna Paramita vertendo como uma cachoeira dos lábios do iogue louco. Ele seguiu ininterruptamente por horas, até que alcançou o fim do longo texto.

Como se acordando de um transe, o siddha piscou os olhos. Surpreso, ele saltou e seguiu galopando pelas montanhas, reunindo-se ao rebanho novamente. Os dois lamas retornaram ao mundo humano e espalharam a transmissão.

O nome daquele siddha, Samma Drubchen, até hoje comove os corações a cantar. Dizem que ainda está vivo no Tibete.

### **A Igualdade de Tudo que Vive**

EM 1982, SUA SANTIDADE O Dalai Lama do Tibete estava jantando na França com Pawo Rinpoche X. O par estava recontando histórias do passado e antecipando o renascimento do então recentemente falecido Gyalwa Karmapa.

Então o idoso Pawo Rinpoche viu uma formiga se debatendo no chão polido, tentando chegar na luz do sol.

Pawo Rinpoche já não podia mais andar. Ele pediu ao Dalai Lama que fizesse a bondade de resgatar a pequena criatura a ajudá-la em seu caminho.

Sua Santidade atendeu com urgência o pedido, abençoando o pequeno inseto com uma bênção sussurrada. Gentilmente, ele carregou o inseto através do recinto e colocou-o seguro na tépida luz do sol. Sorrindo de deleite, ele sentou novamente com seu venerável colega.

"Agora te fiz um favor, Rinpoche. Teus velhos olhos são melhores que os meus! As pessoas falam sobre vacuidade e alta filosofia Mahayana, mas consideração amorosa pela igualdade de tudo que vive é o verdadeiro sinal de um bodisatva."

Sua Santidade em pessoa recontou mais tarde a história, durante um ensinamento na França sobre a necessidade de compaixão, engajamento altruísta, e responsabilidade universal. "Minha religião é amor e bondade", ele então afirmou.

## **A melhor Prática Espiritual**

Há muitas formas de prática espiritual—físicas e mentais, internas e externas—e há tantas diferentes opiniões a respeito delas quanto há formas.

CERTA VEZ, QUANDO UM MONGE ESTAVA CIRCUMAMBULANDO o Mosteiro Peltring, Geshé Tenpa, um reconhecido professor idoso, veio até ele e disse, "É bom circular locais sagrados, mas é muito melhor praticar o Dharma sublime."

Humildemente, o monge começou a estudar, memorizar e recitar os sutras budistas. Um dia Geshé Tenpa o encontrou em meio a seus estudos e devoções. O velho abade disse, "É muito meritório estudar escrituras e realizar atos virtuosos, mas é muito melhor praticar o nobre Dharma."

Depois de pensar muito, o monge decidiu que meditação intensiva era a melhor coisa que ele poderia fazer, e começou a meditar com muita dedicação. Inevitavelmente Geshé Tenpa o encontrou sentando em um canto, com um olhar fixo e concentrado. "Meditar é muito bom," comentou o erudito, "mas a prática genuína do Dharma seria ainda melhor."

Nessa altura, o monge estava totalmente confuso. Não havia nada que ele não houvesse tentado. Ainda assim o venerável professor não aprovava seus esforços. "Mui venerável senhor, que deveria eu fazer então?" ele suplicou.

"Simplesmente abandone todas as expectativas com relação a esta vida," Geshé Tenpa respondeu. Então continuou seu caminho em silêncio.

## **A Última Palavra de Milarepa**

Jetsum Milarepa é o mais famoso iogue sábio do Tibete, bem como seu mais amado bardo. Suas Cem Mil Canções de Milarepa, cantadas de improviso novecentos anos atrás para discípulos e seguidores nas remotas e gélidas regiões selvagens dos Himalaias, foram traduzidas em muitas línguas. A pele de Milarepa era azul-esverdeada, pois ele sobreviveu por muitos anos apenas com sopa de urtiga silvestre.

Milarepa é famoso por ter atingido perfeita Budeidade. desperta em uma única vida através de décadas de meditação solitária em cavernas nas montanhas, vestido somente em togas de algodão branco. Seu exemplo enquanto praticante espiritual tem sido a inspiração para incontáveis gerações de lamas, do século onze até hoje.

O guru de Milarepa foi Marpa o Tradutor, que passou dezessete anos estudando e meditando na Índia e trouxe os ensinamentos Mahamudra (Grande Símbolo) para o Tibete; o discípulo de Milarepa era Gampopa. Gampopa procurou por Milarepa depois de ter sido abençoado por uma visão de um iogue verde que limpava a baba em seu rosto.

A cerveja tibetana, chamada chang, é destilada de centeio fermentado. Em iniciações tântricas, uma copa-de-crânio (um cálice feito de um crânio) consagrada cheia de espíritos alcoólicos é geralmente utilizada simbolicamente para transmitir o elixir da gnoses.

LOGO NA PRIMEIRA VEZ que o monge-médico Gampopa encontrou Milarepa, seu mestre predestinado, Milarepa ofereceu a ele uma copa de crânio cheia de chang. Gampopa reclamou que beber álcool era contra seus votos.

Milarepa, o Vajra (Diamante) Risonho, assegurou-o sorrindo que o maior preceito espiritual é obedecer as ordens do mestre. Com isso, Gampopa sem hesitar secou o recipiente; então Milarepa soube que o monge seria seu herdeiro espiritual.

Depois de anos de meditação solitária em uma caverna, alternadas com visitas a Milarepa, Gampopa finalmente completou seu treinamento e estava pronto para deixar seu mestre. Milarepa colocou os dois pés descalços sobre a cabeça de Gampopa como uma bênção.

Gampopa pediu ao iogue cantor pelas instruções finais. Milarepa, porém, apenas disse, "O que é necessário é mais esforço, não mais ensinamentos." E ele nada mais disse.

Gampopa foi-se embora e já tinha cruzado um pequeno córrego quando Milarepa gritou para chamar sua atenção uma última vez. O guru sabia que não veria Gampopa novamente nesta vida.

"Tenho uma instrução secreta muito profunda," disse Milarepa. "É preciosa demais para dar a qualquer um."

Gampopa olhou para trás. Milarepa repentinamente se virou, curvou-se, e puxou sua toga esfarrapada, mostrando nádegas tão calejadas e pustulentas como o casco de um cavalo, endurecidas por tantos longos anos de meditação sentada na pedra nua.

"Esta é minha instrução final, filho do coração!" ele berrou. "Faça!"

### **Cruzando para a Outra Margem**

Dakinis são energias iluminadas femininas que são personificadas como deidades. Aparecendo numa infinidade de formas, são algumas vezes chamadas "dançarinas celestes", pois representam a dança desinibida da atenção desperta na expansão radiante vasta como o céu da vacuidade. Vajra Yogini é a rainha das dakinis.

UM DIA DOIS MONGES TIBETANOS que estavam em peregrinação chegaram a um rio turbulento. Nas margens estava uma horrenda velha leprosa esmolando.

Quando os monges aproximaram-se, ela pediu ao par de sacerdotes para ajudá-la a cruzar o rio. Um monge sentiu uma repulsa instintiva. Arrogantemente, ele arregaçou seus flutuantes robes

monásticos e caminhou sozinho para as águas. Já no outro lado, ele impaciente perguntou-se se devia esperar por seu demorado amigo. Teria ele abandonado a leprosa, ou viria com ela?

O segundo monge entristeceu-se pela feia senhora deficiente; a compaixão desabrochou espontaneamente em seu coração. Ele acomodou gentilmente a criatura leprosa em suas costas, então, com dificuldade, pôs-se a atravessar a forte corrente.

Uma coisa surpreendente então aconteceu. No meio do rio, onde parecia ser a parte mais difícil da travessia, com água lodosa borbulhando na altura de suas coxas e com as pesadas roupas de lã encharcadas sendo puxadas pela corrente, o bom monge repentina e miraculosamente sentiu o peso ser retirado de sobre suas costas. Ao olhar para cima, ele viu a deidade de sabedoria Vajra Yogini flutuando graciosamente sobre ele, resgatando-o para o paraíso de dakini onde ela reinava.

O primeiro monge, bastante chocado — tendo sido diretamente instruído tanto na natureza da compaixão quanto da forma ilusória — teve que continuar sua peregrinação sozinho.

### **Drukpa Kunley Abençoa uma Imagem**

É costume pedir a um grande lama que consagre novos ícones religiosos, sejam eles estátuas ou pinturas. Os Lamas geralmente jogam arroz abençoado sobre as imagens, consagrando-as como deidades.

UM DIA UMA FIEL velhinha apressava-se na direção do mosteiro no topo da colina onde o irmão de Drukpa Kunley era o principal lama. Em suas mãos ela segurava como a um bebê uma thanka nova, uma pintura em tecido, da deidade Sri Heruka. Certamente que o venerável abade a abençoaria!

Repentinamente, ela parou no caminho. Logo a sua frente estava o lendário santo homem louco, o próprio Drukpa Kunley.

O Drukpa perguntou polidamente porque alguém desejaria visitar o mosteiro. "Nada de interessante acontece por lá," ele adicionou. "Meu irmão vive como um rei por lá."

A fiel patrona relutantemente revelou sua missão. Ninguém no Tibete desconhecia a opinião que Kunley guardava dos mosteiros!

Drukpa Kunley pediu à senhora que desenrolasse a pintura de forma que ele pudesse ver a deidade. Reverentemente, ela o fez.

Rapidamente, ele levantou seu robe, abaixou-se e defecou no pergaminho. "É assim que \*eu\* abençoo imagens!" ele disse.

Aterrorizada, a mulher enrolou seu precioso pergaminho e subiu correndo a colina sagrada. Exausta, ela chegou aos aposentos do abade.

Ouvindo seu conto horripilante, ele riu muito alto. Ele realmente conhecia seu ultrajante irmão iluminado, Kunley, seu alter ego.

"Abra o pergaminho," o distinto abade ordenou. Humildemente, a nervosa mulher obedeceu.

Vejam só! Dentro do pergaminho havia um punhado de pequenas pepitas de ouro.

"O próprio Sri Heruka abençoou sua pintura," disse o abade. "Você não precisa de mim.

Era assim que Drukpa Kunley abençoava.

### **Liberando as Criaturinhas**

UM VELHO LAMA GOSTAVA de sentar em meditação numa grande pedra lisa de frente a um lago plácido. Porém, toda vez que começava fervorosamente a recitar suas orações e devoções, assim que cruzava as pernas e se aquietava, ele via um inseto lutando desesperadamente para sair da água. De tempos em tempos, ele inclinava seu velho corpo doído e colocava a pequena criatura em um lugar seguro, antes de se aquietar novamente no seu assento de pedra. Assim seguiam suas contemplações, dia após dia...

Seus irmãos monges, dedicados meditantes que também diariamente sentavam solitários nos barrancos e cavernas rochosas daquela região desolada, eventualmente ficaram sabendo que o velho lama dificilmente conseguia ficar parado, mas que de fato ficava a maior parte de suas sessões de meditação salvando insetos do laguinho. Apesar de parecer realmente muito adequado salvar vidas de seres sencientes de qualquer tipo, pequenos ou grandes, alguns deles ocasionalmente perguntavam-se se as meditações do velho monge não poderiam ser muito aperfeiçoadas se ele sentasse em algum outro lugar isolado e livre desse tipo de distração. Um dia eles finalmente mencionaram suas preocupações a ele.

"Não seria de maior benefício sentar em algum outro lugar e meditar profundamente, sem perturbações o dia todo? Desta forma o senhor poderia mais rapidamente atingir a iluminação perfeita, e então poderia libertar todos os seres vivos do oceano da existência condicionada?" um deles perguntou ao velho.

"Pelo menos o senhor talvez pudesse meditar em frente ao lago com os olhos fechados," outro irmão sugeriu.

"Como desenvolver perfeita tranquilidade e profunda concentração adamantina levantando e sentando cem vezes a cada sessão de meditação?" um jovem monge erudito enfaticamente expôs sua opinião, encorajado pelas perguntas mais delicadas dos seus irmãos mais velhos... E assim os argumentos continuaram.

O venerável velho lama ouviu atentamente, sem dizer nada. Quando todos já tinham feito seus discursos, ele curvou-se agradecido e disse, "Estou certo de que minhas meditações poderiam ser mais profundas e recompensadoras se eu ficasse imóvel o dia todo, como vocês colocaram. Mas como pode um velho inútil como eu, que tomou muitas e muitas vezes o voto de dar essa vida (e todas as outras) para servir e liberar aos outros, apenas sentar com os olhos fechados e o coração endurecido, cantando e entoando o mantra altruísta da Grande Compaixão, enquanto bem em frente a meus olhos criaturas desesperadas estão se afogando?"

Para essa simples questão humilde, nenhum dos monges reunidos pôde encontrar uma resposta.

### **Melhor Procurar a ti Mesmo**

UMA VEZ O BUDA ESTAVA SENTADO em meditação numa densa floresta próxima a Uruvela quando um bando de aldeões por acaso o encontraram. O grupo era composto de trinta casais, mas um jovem solteiro bem-sucedido.

Na noite anterior, enquanto o jovem dormia, sua cortesã favorita tinha encontrado o dinheiro escondido sob sua cama e tinha fugido com ele. Quando o roubo foi descoberto, todos seus amigos e vizinhos saíram em perseguição, finalmente encontrando sem querer o Iluminado na selva profunda.

Depois que contaram sua triste história ao sábio, o Buda perguntou, "Em vez de correr tresloucados por esta selva perigosa procurando uma mulher e dinheiro, não seria muito melhor buscar seus verdadeiros eus?"

A compleição pacífica, brilhante e o simples insight alegórico fez tamanho impacto nos jovens pais de família que largaram a busca e tornaram-se seus seguidores. O jovem solteiro mais tarde se tornou um monge e um sábio.

### **O Dente Milagroso**

A fé é e como um anel, um aro; a compaixão do Buda é como um anzol, ou como o cajado do pastor. As duas coisas podem se conectar e as bênçãos do Buda entrarão onde quer que haja abertura para tal graça.

Um exemplo disto é conto da velha que atingiu a iluminação com a ajuda de um dente de cachorro. Os fiéis têm sempre venerado os dentes e ossos de santos como relíquias sagradas; acredita-se que estes restos estão impregnados de presença espiritual.

CERTA VEZ HAVIA UMA VELHA mulher cujo filho era um mercador. Ele frequentemente juntava-se a uma caravana e ia a negócios para a Índia distante. Um dia sua mãe disse, "Bodh Gaya na Índia é o local onde o perfeito Buda atingiu a iluminação. Por favor traga-me uma relíquia abençoada de lá, um talismã que eu possa utilizar como foco de minhas devoções. O colocarei no altar, orarei e prostrarei-me diante dele como uma representação material do corpo abençoado do Buda."

Muitas vezes ela repetiu o pedido. Porém, cada vez que seu filho retornava de uma viagem de negócios à sagrada Índia, ele percebia que havia esquecido o pedido fervoroso de sua mãe. Por muitos anos ele não trouxe o que ela tanto queria.

Um dia, quando ele estava aprontando-se para partir novamente para a Índia, sua mãe disse: "Filho, lembra minhas palavras na tua viagem. Desta vez, se não me trouxeres uma relíquia de Bodh Gaya para usar em minhas prostrações, me suicidarei na tua frente!"

Ele ficou chocado com a intensidade inesperada. Prometendo satisfazer o desejo da mãe, ele partiu.

Por fim, depois de muitos meses, seus negócios estavam feitos e ele aproximava-se de sua terra natal. Novamente havia esquecido de adquirir para sua mãe uma relíquia genuína do Buda. Foi somente quando ele se aproximou da casa da mãe que lembrou as palavras dela.

"O que farei?" ele pensou. "Não trouxe nada para o altar de minha mãe. Se chegar em casa de mãos vazias, ela se matará!"

Olhando ao redor em desespero, ele localizou o crânio seco de um cachorro na beira da estrada. Apressadamente, retirou um dente do crânio e enrolou-o em seda.

Chegando em casa, ele reverentemente apresentou o pacote a mãe. "Aqui está um dos dentes caninos do Buda," disse. "Comprei-o na terra natal do Senhor Buda, a Índia. Utilize-o em tuas orações."

A velha acreditou. Ela tinha fé no dente, sem duvidar por um instante que não fosse do próprio Senhor Buda. Ela lhe oferecia orações e prostrações constantemente como a genuína corporificação de todos os Budas. Através de tais práticas ela encontrou a inabalável paz de espírito que procurou por tanto tempo.

Milagrosamente, do dente do cachorro começaram a emanar incontáveis pequenas pérolas translúcidas e ondas de luz de arco-íris. Todos os vizinhos deleitaram-se ao encontrar uma bênção desse tipo, livre para ser tomada ao altar da mulher, onde reuniam-se diariamente. Quando a velha mulher finalmente encontrou a morte, um dossel de luzes de arco-íris a cercava, e todos reconheceram no sorriso beatífico de sua sábia face que ela tinha alcançado grande realização espiritual.

Apesar de um dente de cachorro em si conter poucas bênçãos, o poder da fé inabalável da mulher garantiu que as bênçãos do Buda entrassem naquele dente. Assim um mero dente de cachorro tornou-se igual a uma autêntica relíquia do Buda, e muitos se elevaram.

## **O Roubo de Geshe Ben**

Geshe Ben foi um monge erudito e realizado da escola Kadampa (preceito oral) que viveu no século XI. Ele era conhecido pelo seu rigoroso treinamento ético e conscientização na aceitação do altruísmo do bodisatva, o praticante no despertar do Mahayana.

VAGANDO EM BUSCA DE ESMOLAS um dia, o jovem monge Ben foi convidado à casa de um casal de devotos. Enquanto os fiéis saíram do recinto para preparar alguma comida para o pobre jovem mendicante, Ben repentinamente acordou – como se de um sonho – para perceber-se com a própria mão no pote de biscoitos, procurando por algum chá para si mesmo num pequeno saco em um dos cantos. Ali ele estava, pego em flagrante – ainda que por sua própria consciência meticulosa.

Berrando, "Ladrão! Ladrão!" Ben fez tanto alarde que a família inteira veio correndo, com armas em punho. Para sua surpresa e alívio, eles viram um jovem monge acusando a si mesmo de ladrão, e ameaçando cortar a própria mão ofensora, caso agisse novamente de forma tão má.

Assim o noviço encontrou seu guru interior, a integridade inata da própria sabedoria, de que ele nunca mais se separou.

## **O Velho Mani**

Uma roda de orações, ou roda mani, é uma roda cheia de incontáveis mantras e inscrições enroladas na direção dos ponteiros do relógio ao redor de um eixo central. Algumas rodas de oração são pequeninas, como piões; outras são enormes, enchendo uma sala inteira, e a giramos segurando seus raios e caminhando em torno dela. Outras são colocadas em córregos ou cachoeiras, de forma que podem aproveitar a energia natural e espalhar bênçãos pela terra. Os fiéis acreditam que girar estas rodas ou dependurar bandeiras de oração ao vento realiza o significado das orações.

A província tibetana de Kham é semelhante ao velho oeste norte-americano. As pessoas de Kham são grandes cavaleiros, apreciam todos que montam regularmente, e amam seus cavalos. Até cerca de um século atrás, Kham era dividido em dezenas de reinos menores, cada um com seu próprio exército, formado por alistamento obrigatório.

CERTA VEZ HAVIA UM velho no longínquo Kham Oriental conhecido como Velho Mani pois, dia e noite, ele sempre podia ser encontrado girando sua pequena roda de orações feita em casa. A roda era preenchida com o mantra da Grande Compaixão, Om Mani Peme Hum. O Velho Mani vivia com seu filho e seu belo cavalo. O filho era a alegria da vida do velho; o orgulho e alegria do filho eram o cavalo.

A viúva do velho, depois de uma vida longa de virtude e serviço, já havia a muito ido para renascimentos mais afortunados. Pai e filho viviam, livres de demasiadas necessidades ou vontades, em um de vários casebres de pedra próximos a um rio na extremidade da planície.

Um dia sua montaria desapareceu. Os vizinhos lamentaram a perda do único bem material do velho, mas o resignado velho apenas continuava girando sua roda de orações recitando "Om Mani Peme Hum," o mantra nacional do Tibete. A quem quer que expressasse condolências ou tocasse no assunto, ele simplesmente dizia, "Agradeça sempre a tudo. Quem pode dizer o que é bom ou mal? Veremos..."

Depois de muitos dias a maravilhosa criatura voltou, seguida de um par de cavalos selvagens. O velho e seu filho treinaram estes. Então todos cantaram em celebração e congratularam o velho por sua sorte inesperada. O homem simplesmente sorriu sob sua roda de orações e disse, "Estou grato... mas quem pode saber? Veremos."

Então, enquanto cavalgando um dos cavalos selvagens, o rapaz caiu e quebrou gravemente a perna. Alguns vizinhos o carregaram até em casa, amaldiçoando o cavalo e lamentando o destino do jovem. Mas o velho, sentado ao lado do leito de seu amado filho, apenas continuava girando sua roda de orações enquanto suavemente murmurava o gentil mantra da Grande Compaixão do Senhor Chenrayzig. Ele nem reclamava nem respondia as alusões ao destino, mas simplesmente acenava a cabeça gentil, reiterando o que havia dito antes. "O Buda é bom; estou grato pela vida de meu filho. Veremos."

Na outra semana oficiais militares apareceram, procurando por jovens para uma guerra em andamento na fronteira. Todos os rapazes locais foram imediatamente levados, exceto o acamado filho do Velho Mani. Então os vizinhos congratularam o velho por sua grande sorte, atribuindo sua causa ao bom carma acumulado pela incessante roda e aos constantes mantras em seus lábios enrugados. Ele sorriu e não disse nada.

Um dia, quando pai e filho estavam observando seus ótimos cavalos pastando na pradaria, o velho taciturno repentinamente começou a cantar:

A vida vai em círculos, para cima e para baixo como um moinho;  
Nossas vidas são como suas pás, sendo esvaziadas e preenchidas  
Repetidas vezes.  
Como a argila do oleiro, nossas existências físicas  
São moldadas uma após a outra.

As formas são quebradas e restituídas muitas vezes,  
O baixo será alto, o alto cairá;  
O escuro será clareado, e os ricos perderão tudo.

Se tu, meu filho, fosses uma criança extraordinária,  
Para um mosteiro como uma reencarnação eles iam te levar.  
Se fosses inteligente demais, filho,  
Estarias agrilhado às disputas dos outros em uma mesa de burocrata.

Um cavalo é apenas um cavalo de problemas.  
A riqueza é boa,  
Mas perde o sabor muito rápido,  
E, no fim, pode ser uma carga, uma fonte de disputas.

Ninguém sabe que carma nos espera,  
Mas o que cultivamos agora será colhido  
Nas próximas vidas; isto é certo.  
Portanto seja bom com todos,  
E não tenha preconceitos,  
Baseados em ilusões sobre perdas e ganhos.

Não tenha nem medo nem esperança, nem expectativa nem ansiedade;  
Agradeça a tudo, o que quer que tenhas.  
Aceite tudo; aceite a todos; e siga  
A Lei infalível do Buda.  
Seja simples e despreocupado, permanecendo naturalmente relaxado  
E em paz.

Podes atirar flechas no céu se quiseres,  
Mas elas inevitavelmente cairão na terra, meu filho.

Enquanto cantava, as bandeiras de oração dançavam ao vento, e a roda mani ancestral, cheia de centenas de milhares de mantras escritos à mão, continuava girando. Então o velho ficou em silêncio.

## **Rabjyor e a Velha Senhora**

Já há muito tempo é costume nos países budistas devotos pais de família convidarem monges eruditos para lerem as escrituras em voz alta em suas casas por um período de dias, semanas ou mais. Esta prática virtuosa ajuda os anfitriões a acumularem méritos, preservar a doutrina, e divulgar os ensinamentos que levam à iluminação. Um grupo de monges pode ficar na casa de um

patrono pela noite ou mais tempo, transformando-a num santuário espiritual.

CERTA VEZ UM MONGE da escola Nyingma (Antiga Tradução) estava sentado em frente ao altar de uma família, lendo em voz alta os sutras Mahayana e os tantras Dzogchen por vários dias a pedido de seu anfitrião. Porque ele não sabia ler muito bem, ele tropeçava em muitas das palavras contidas nos textos esotéricos. Já que era costume recitar rapidamente (os membros da família não ficavam ouvindo, de qualquer forma), o monge não se preocupou muito com sua dificuldade. Caso errasse, apenas continuava murmurando as escrituras ainda mais rápido.

Depois de alguns dias, a idosa e analfabeta avó da família entrou no recinto onde o monge estava recitando. Com muita dificuldade, ela reverentemente fez três prostrações completas, com o corpo inteiro ao chão, três vezes diante do monge. Então ela ofereceu chá ao lama, sentou no chão e ouviu a leitura.

Depois de algum tempo, o monge parou de recitar de forma a beber um gole de seu quente chá amanteigado. Ele ergueu a xícara de madeira tampada da mesa baixa decorada em baixo-relevo que ficava em frente aos grossos tapetes em que estava sentado.

A avó escolheu este momento para falar. "Esta família tem tido a sorte de ouvir os sutras e os tantras recitados nesta sala todos os anos desde que eu era um bebê," ela disse. "Cada ano veneráveis lamas vêm e leem desta mesma compilação que está na tua frente. De onde quer que eu esteja na casa, eu sempre ouço o mesmo nome, 'Rabjyor, Rabjyor,' surgindo muitas e muitas vezes, mas tu, estimado monge, nunca pareces dizer o nome do venerável Rabjyor. Quem sabe, talvez, tu não leias tão bem? Ou é apenas esta velha que está ficando surda?"

O monge, não um dos melhores da estirpe, respondeu suavemente, "Não é nada disso não, cara senhora. Sem problemas. De fato, estamos agora mesmo chegando ao sutra sobre Rabjyor!" E espertamente virando a página, ele simplesmente reiniciou a recitação, entonando o nome de Rabjyor precisamente a cada quatro palavras, para benefício da velha senhora.

A avó sorriu. Balançou a cabeça em aprovação, ela continuou a contar no rosário suas orações, satisfeita por méritos estarem sendo acumulados e pelo fato de tudo no mundo continuar muito bem.

### **Uma Estátua que Fala**

Kongpo, a região da figura principal nessa história, é uma província tibetana ao sul cujo povo é conhecido mais pela compaixão do que pelo intelecto.

Jokhang em Lhasa é o mais sagrado templo do Tibete. Ali está a antiga e famosa estátua do Buda na forma de um príncipe, chamada Jowo Rinpoche (Precioso Senhor); ela foi trazida da China mais de mil anos atrás como parte do dote de uma princesa chinesa prometida ao rei do Tibete. Na tradição tibetana, é costume prostrar-se ao chão três vezes antes de entrar em um templo, ou na presença de um grande lama.

BEN DE KONGPO HÁ MUITO aspirava visitar o Jokhang e a mais sagrada estátua do Tibete. Enfim chegou o dia em que o intrépido peregrino colocou suas botas de viagem e partiu a pé para a distante Lhasa.

Quando Ben chegou, apenas caminhou pelas ruas maravilhado, pois ali, diante de seus olhos, estava a gloriosa Cidade dos Deuses... Que deleite! Na parte mais alta estava o Palácio Potala, onde vivia Senhor Chenrezig na forma do Dalai Lama, cercado por um infindável cordão de peregrinos circunambulando o palácio. Ali estava o palácio de verão do regente divino, Norbu Lingka — que vista para os olhos devotados de Ben! Ali, bem diante dele, estavam o Mosteiro Sera e o poderoso e inspirador Drepung — os dois maiores mosteiros do Tibete — onde a fé e o aprendizado reinavam inigualáveis por séculos. "Que sorte estar vivo!", pensou o cansado camponês.

Ele entrou o Jokhang, o templo central situado no coração de Lhasa como um diamante colocado no centro de um diadema. E ali estava! Enfim o grande sorridente Jowo Rinpoche, a lendária estátua do Buda, ali acima em sublime esplendor.

Prostrando-se diante da estátua com energia renovada, o cansado peregrino tirou seu capote empoeirado e removeu suas botas desgastadas, colocando-as no colo de Jowo por segurança. "Fique de olho nelas," disse Kongpo Ben, antes de fazer suas obrigações rituais.

Enquanto Ben circunambulava o grande ícone dourado, encontrou filas de brilhantes lamparinas de manteiga arrumadas sobre o altar, com grandes filas dos bolos de cevada cônicos chamados tormas. Agradecendo o onisciente Buda por sua hospitalidade e aconchegado com a presença benevolente de Jowo, Ben começou a comer os bolos consagrados, mergulhando-os generosamente na manteiga derretida das lamparinas sagradas que iluminavam o templo.

Em troca dessa recepção inesperada, Ben decidiu convidar Jowo para jantar em sua humilde casa em Kongpo, imaginando que sua esposa certamente sacrificaria o mais gordo porco de seu chiqueiro — que sabia ele da doutrina compassiva não violenta do Senhor Buda? — e prepararia um vasto banquete para seu convidado de honra. O inocente camponês não tinha dúvida que Jowo Rinpoche aceitaria o convite.

Repentinamente, no meio do fervor de Kongpo Ben, a brilhante luz do sol inundou o altar: o velho corcunda que cuidava do templo havia chegado. A porta se abriu, como se por força própria... teria o encarregado sido magicamente invocado à cena do crime por alguma indignada força invisível?

Por um longo momento o venerável senhor ficou fitando as oferendas outrora tão bem-arrumadas, agora totalmente em desordem, e os esfarrapados chapéu e botas recostados no colo dourado do Buda. Imaginem seu desespero!

O ultrajado monge imediatamente foi em direção às botas sujas do peregrino para arrancá-las dali, mas enquanto fazia isto, uma profunda voz de comando soou do sorridente Jowo, "Tire suas mãos daí! Estes são pertences do meu discípulo de Kongpo."

O velho monge tremeu de surpresa. O que podia dizer? Ordens são ordens, e aqueles que mandam também sabem obedecer.

Ele prostrou-se três vezes no chão de pedra perante a estátua e implorou perdão. Refletindo com muita fé nesse milagre do mais sagrado dos sagrados, ele saiu. Ben simplesmente continuou sua devoção, com a fé confirmada, e as botas fora de perigo.

Eventualmente Ben retornou a Kongpo. As notícias do milagre já havia chegado por lá; rumores de que a estátua de Jowo no templo central havia falado espalharam-se por todo o Tibete central e setentrional. Mas nenhuma conexão entre este evento maravilhoso e o próprio Ben havia sido feita.

Sobre estes rumores, Ben simplesmente dizia, a quem quer que falasse sobre isso, "Não sabemos no

que acreditar hoje em dia."

Diz-se que o Buda realmente aceitou o inocente convite de Ben para jantar. Um dia Ben teve uma visão da face dourada de Jowo entre algumas pedras no fundo de uma clara fonte perto de sua humilde casa. Ele tentou retirá-la da água, mas era muito pesada para ele. Quando Ben largou o sorridente Jowo, ele ficou preso na terra na forma de uma enorme pedra.

Até os dias de hoje os fiéis da remota Kongpo — muitos dos quais nunca foram até a longínqua Lhasa — ainda circumabulam e prostram-se àquela rocha sagrada. O templo central de Lhasa pode estar muito longe, mas eles sabem que o glorioso Jowo mora ali perto.

### **Uma Guirlanda de Pontos Essenciais**

Sua Santidade Dudjom Rinpoche, Jigdral Yeshe Dorje (1904-1988), reencarnação do grande revelador de tesouros Dudjom Lingpa, foi o líder supremo da tradição Nyingma. Poeta, autor de muitos livros, mestre de meditação e iogue tântrico, considerado um dos mais proeminentes eruditos de nossos tempos, foi um dos mais amados grandes lamas do Tibete.

Depois de estabelecer centros Yeshe Nyingpo Dharma em Kalimpong, Nepal, Europa e América, ele morreu em 1988 em Dordogne, na França, e seus restos foram dispostos em uma estupa num mosteiro em Bodhanath, Kathmandu, Nepal.

Coração-essência dos Grandes Mestres  
Por Sua Santidade Dudjom Rinpoche

Lama raiz, gentil e precioso,  
Senhor da mandala, único infalível refúgio duradouro,  
Com sua compaixão, acolha-me!  
Tenho me esforçado somente por esta vida,  
sem manter a morte em mente,  
desperdiçando este livre e bem-dotado  
nascimento humano.

A vida humana dura um instante, como um sonho -  
Pode ser feliz, pode ser triste.  
Sem desejar alegria, sem evitar tristeza,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Esta vida humana,  
como uma lamparina ao vento -  
Pode durar muito, pode não durar.  
Sem permitir que a prisão do ego se intensifique,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Uma vida de luxo, como uma aparição enfeitiçadora -  
Pode acontecer, pode não acontecer.  
Com os modos dos oito dharmas mundanos  
Lançados como restos,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Todos estes subalternos, como um bando de pássaros numa árvore -  
Podem me rodear, podem não me rodear.  
Sem deixar que os outros me guiem pelo nariz,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Este corpo ilusório,  
como uma casa podre de cem anos -  
Pode durar, pode virar pó,  
Sem flagrar-me esforçando-me para  
conseguir comida, roupas ou remédios  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Este comportamento dármico,  
como o jogo de uma criança -  
Pode continuar, pode parar.  
Sem ser enganado por coisas  
que de fato não importam,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Todos esses deuses e espíritos,  
como os reflexos do espelho -  
Podem ajudar, podem prejudicar.  
Sem perceber minhas próprias visões enganosas  
como sendo inimigos,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Toda essa tagarelice confusa,  
desconexa como um eco -  
Pode ser interessante, ou pode não ser.  
Com as Três Joias em mente, como testemunhas,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

As coisas que se mostram inúteis

em tempos de necessidade,  
como os esgalhos de um gamo, -  
Posso conhecê-las, posso não conhecê-las.  
Sem dar confiança  
apenas a artes e ciências,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Estes presentes e dinheiro dados pelos fiéis,  
como veneno mortal -  
posso recebê-los, ou não.  
Sem desperdiçar minha vida  
tentando acumular lucros vis,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Esta posição nobre, como cocô envolto em seda -  
Posso possuí-la, posso não possuí-la,  
Conhecendo minha própria podridão  
de primeira mão.  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Amigos e família,  
como viajantes que se reúnem numa feira -  
Podem ser cruéis, podem ser amáveis -  
Cortando do coração a resistente corda do apego,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Todas estas posses,  
como as riquezas encontradas em um sonho -  
Posso tê-las, posso não tê-las.  
Sem utilizar de tato ou lisonjas para  
convencer os outros,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Este posto na hierarquia,  
Como um passarinho empoleirado num ramo -  
Pode ser alto, pode ser baixo.  
Sem me humilhar  
ao desejar uma posição melhor,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Praticando os feitiços da magia negra,  
como armas mortais -  
Posso ser capaz de lançá-los, ou não.  
Sem comprar a lâmina  
que corta minha própria garganta,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Rezar muitas orações,  
como um papagaio que diz  
"om mani padme hum" -  
Posso rezar, ou posso não rezar.  
Sem gabar-me do que quer que eu faça,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

A forma pela qual ensinamos o darma,  
como água corrente -  
Posso ser hábil, posso não ser.  
Sem pensar que mera eloquência é darma,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

O intelecto que faz discriminações rápidas,  
como um porco apodrecido -  
Pode ser brilhante, pode ser tolo.  
Sem permitir que as rebarbas  
da raiva e do apego surjam,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Experiências de meditação,  
como a água do poço no verão -  
Podem aumentar, podem diminuir.  
Sem perseguir arcos-íris como as crianças fazem,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Esta percepção pura,  
como chuva no pico da montanha -  
Pode surgir, ou não.  
Sem tomar a experiência ilusória como real,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Estas liberdades e condições favoráveis,

como uma joia que preenche desejos -  
Se não estão presentes, não há como  
realizar o darma sagrado.  
Sem desperdiçar o que já possuo,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

O guru glorioso,  
como uma lamparina  
que ilumina o caminho da liberação -  
Se não consigo encontrá-lo, não há  
como conquistar a natureza última.  
Sem pular de um despenhadeiro  
quando sei por qual caminho prosseguir,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

O darma sagrado,  
como um remédio que cura doenças -  
Se não o ouço, não há como saber

o que deve e o que não deve ser feito.  
Sem engolir o veneno  
quando posso distinguir benefício de malefício,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

O ciclo mutável de prazer e dor,  
como as estações do ano -  
Se isto não é percebido, não há como renunciar.  
Como tempos de sofrimento certamente virão,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

O samsara,  
como uma pedra que caiu fundo na água -  
Se não sair agora, não sairei mais tarde.  
Erguendo-me pela corda das compassivas  
Três Joias,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

As boas qualidades da liberação,  
como uma ilha de joias -  
Se não são conhecidas,  
não há como começar a se esforçar.

Percebendo a vantagem da vitória permanente,  
Possas eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

As histórias das vidas dos grandes mestres,  
como a essência de amrita -  
Se não são conhecidas,  
não há como surgir confiança.  
Sem escolher a autodestruição  
quando posso distinguir a vitória do fracasso,  
Possas eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

A bodicita, como um campo fértil -  
A não ser que seja cultivado,  
não há como atingir a iluminação.  
Sem ficar ocioso quando ainda há  
muito a ser conquistado,  
Possas eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

A minha própria mente,  
como as brincadeiras de um macaco -  
Sem manter guarda, não há como  
evitar emoções aflitivas.  
Sem agir imoderadamente, como um lunático,  
Possas eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

O ego, como uma sombra com que se nasce -  
Até que seja abandonado, não há como  
atingir um lugar de felicidade verdadeira.  
Quando o inimigo está em minhas garras,  
porque tratá-lo como amigo?  
Possas eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Os cinco venenos, como brasas entre cinzas -  
Até que sejam destruídos,  
não podemos descansar no estado natural.  
Sem alimentar cobrinhas em meus bolsos,  
Possas eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Este fluxo mental,  
como a pele dura de um saco de manteiga -

Se não é domado e suavizado,  
não há como misturar mente com darma,  
Sem mimar a criança que nasce por si só,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Estes maus hábitos arraigados, padrões cármicos,  
como as fortes correntes de um rio -  
Se não são eliminados,  
não podemos evitar atos contrários ao darma.  
Sem vender armas a meus próprios inimigos,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Estas distrações, como ondas intermináveis -  
Se não são abandonadas, não há como ficar estável.  
Quando posso fazer aquilo que mais gosto,  
por que praticar o samsara?  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

As bênçãos do lama,  
Como a primavera aquecendo o solo e a água -  
Se não as absorvo, não há como  
ser apresentado à natureza da mente.  
Quando há um atalho,  
Porque tomar o caminho mais longo?  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Este retiro desolado,  
como o verão em um lugar exuberante  
onde crescem ervas,  
Se aqui não permanecer, não há como  
as boas qualidades nascerem.  
Quando estiveres no topo das montanhas altas,  
não retorne aos vilarejos escuros.  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

O desejo pelo prazer,  
como um espírito de má sorte entrando na casa -  
Se dele não estou livre,  
jamais pararei de trabalhar pelo sofrimento.  
Sem fazer oferendas a fantasmas vorazes  
como se fossem minhas deidades pessoais,  
Possa eu genuinamente praticar

os ensinamentos sublimes.

Atenção, como a tranca do portão de um castelo -  
Se não existe,  
não podemos parar os movimentos da ilusão.  
Quando o ladrão virá certamente,  
porque esquecer de trancar a porta?  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

A natureza última, imutável, como o céu -  
Até que seja conquistada, não podemos  
resolver todas as dúvidas da percepção.  
Sem me deixar acorrentar por teorias,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Consciência, como um pedaço impecável de cristal -  
Até que seja vista,  
a meditação intencional não pode dissolver.  
Quando há uma companhia inseparável,  
por que procurar por outra?  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

A face da mente comum, como um velho amigo -  
Se não é vista, tudo que fazemos é enganoso.  
Sem procurar às cegas na escuridão  
de meus próprios olhos fechados,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Em resumo, sem desistir  
Das preocupações desta vida, não há como  
realizar os ensinamentos sagrados após a morte.  
Tendo decidido ser muito gentil comigo mesmo,  
Possa eu genuinamente praticar  
os ensinamentos sublimes.

Possa eu não desenvolver visões equivocadas  
com relação ao guru  
que me deu instrução de acordo com o darma.  
Possa eu não perder fé no yidam  
quando os infortúnios surgirem.  
Possa eu não relaxar na prática  
quando as circunstâncias forem difíceis.

Possa não haver obstáculos à conquista do siddhi.

Todas estas atividades são fúteis,  
como fazer turismo num terreno baldio.  
Todas estas tentativas  
só tornam meu fluxo mental mais rígido.  
Todo este pensar só adiciona confusão à confusão.  
Tudo que parece darma às pessoas comuns  
somente faz aumentar as amarras.

Tanta atividade – nada vem dela.  
Tanto pensar – nenhuma finalidade nele.  
Tanto querer – sem tempo algum.  
Tendo desistido disto tudo,  
Possa eu ser capaz de praticar  
de acordo com as instruções.

Se preciso fazer algo,  
possa o ensinamento do Buda servir de testemunha.  
Se preciso fazer algo,  
misturo fluxo mental e darma.  
Se preciso realizar algo,  
leio a história da vida dos mestres do passado.  
Qual a utilidade de outras coisas? Fedelho mimado!  
Pegue um assento baixo  
e enriqueça de contentamento.  
Diligentemente tente libertar-se  
das oito preocupações mundanas.

Possam as bênçãos do guru entrarem em mim,  
Possa minha realização se tornar igual ao céu.  
Garanta suas bênçãos de forma que eu possa  
alcançar o trono de Kuntunzangpo.

Sua Santidade Dudjom Rinpoche, Jigdral Yeshe Dorje

Escrito por Jigdral Yeshe Dorje como sua oração pessoal, condensando o significado essencial das palavras vajra de aconselhamento dos grandes mestres do passado.

Isto foi oferecido com orações pela continuidade das bênçãos de H.H. Dudjom Rinpoche, Jigdral Yeshe Dorje, e pela longa vida de sua emanação, pelo bem de todos os seres. Traduzido para o inglês por Bhakha Tulku Rinpoche e Constance Wilkinson.

## **Joia-Coração dos Afortunados, Uma introdução ao Dzogchen, a Grande Perfeição**

Kyabje Dudjom Rinpoche

Homenagem a meu professor!  
O Grande Mestre de Oddiyana disse certa vez:  
Não investigue a raiz das coisas,  
Investiga a raiz da Mente!  
Quando a raiz da mente for encontrada,  
Conhecerás uma coisa apenas,  
Ainda assim todas as outras serão liberadas.  
Mas se falhares em encontrar a raiz da Mente,  
Conhecerás tudo mas não compreenderás nada.

Quando começares a meditar sobre a mente, senta com o corpo reto, permitindo que a respiração venha e vá naturalmente, e com os olhos nem fechados nem muito abertos, olha no espaço a sua frente. Pensa contigo que é pelo bem de todos os seres que foram tuas mães que observarás o Estado Desperto, a face de Samantabhadra. Reza fortemente a teu professor raiz inseparável de Padmasambhava, o Guru de Oddiyana, e mescla tua mente com a dele, repousando num estado meditativo equilibrado.

Uma vez tendo assim repousado, porém, não permanecerás por muito tempo neste estado desperto vazio e claro. Tua mente começará a movimentar-se e tornar-se-á agitada. Ela vai pular e correr para cá, para lá e por todos os lados, como um macaco. O que estarás experimentando neste momento não é a natureza da mente, mas apenas pensamentos. Se ficares com eles e segui-los, descobrir-te-ás lembrando todo tipo de coisas, pensando sobre todo tipo de necessidades, planejando todo tipo de atividades. É precisamente este tipo de atividade mental que no passado te sugou para o negro oceano do samsara. E não há dúvida que fará o mesmo no futuro. Seria melhor que pudesses cortar completamente esta interminável ilusão negra de teus pensamentos!

Agora, suponhamos que tenhas sido capaz de quebrar tua cadeia de pensamentos, como é o estado desperto? É vazio, límpido, belíssimo, leve, livre, alegre! Não é algo amarrado ou demarcado pelos próprios atributos. Não há nada em todo o samsara ou nirvana que ele não abarque. Dos tempos sem princípio, nos é inato; nunca estivemos sem ele, ainda assim está completamente além dos limites de ação, esforço e imaginação.

Mas como é, perguntas, reconhecer o estado desperto, a face de rigpa? Bem, apesar de poderes experimentá-la, simplesmente não conseguirias descrevê-la. Seria como um mudo tentando descrever seus sonhos! É impossível distinguir entre ti mesmo repousando no estado desperto e o estado desperto que estás experimentando. Quando repousas bem naturalmente, desnudo, no ilimitado estado desperto, todos estes pensamentos rápidos, persistentes, que não ficam quietos sequer por um instante – todas estas memórias, todos estes planos que causam tantos problemas – perdem seu poder. Desaparecem no amplo céu sem nuvens do estado desperto. Despedaçam-se, destroem-se, desaparecem. Toda a força que têm é perdida no estado desperto.

Tens de fato este estado desperto em ti. É a sabedoria límpida, desnuda, do dharmakaya. Mas quem pode apresentar-te a ela? A partir de onde a perceberia? Do que deverias ter certeza? Para começar,

é teu professor que te revela o estado desperto. E quando o reconheces por ti mesmo, é que és apresentado a tua própria natureza. Então, com a compreensão de que todas as aparências tanto do samsara quanto do nirvana são apenas a manifestação do teu próprio estado desperto, permaneça apenas no estado desperto. Assim como as ondas que sobem do mar e então retornam a ele, todos os pensamentos retornam para o estado desperto. Esteja certo de sua dissolução, e como resultado encontrar-te-ás num estado profundamente destituído tanto de meditador quanto de algo a ser meditado – completamente além da mente que medita.

“Ah, nesse caso,” poderias pensar, “não há necessidade de meditar.” Bem, posso assegurar-te que de fato há uma necessidade! O mero reconhecimento do estado desperto não o libertará. Por vidas desde os tempos sem princípio tens estado envolvido em crenças falsas e hábitos deludidos. Desde então até agora passou cada instante da tua vida como o escravo miserável e patético de teus pensamentos! E quando morreres, não é nem um pouco certo para onde irás. Seguirás teu carma, e terás que sofrer. Esta é a razão pela qual tens que meditar, continuamente preservando o estado desperto a que fostes apresentado. O onisciente Longchenpa disse: “Podes reconhecer tua própria natureza, mas se não meditares e te acostumar a ela, serás como um bebê abandonado no campo de batalha: serás carregado pelo inimigo, teus próprios pensamentos!” Em termos gerais, meditar significa familiarizar-se com o estado de repousar na natureza ilimitada primordial, através de estar espontaneamente, naturalmente, incessantemente presente. Significa acostumar-se a deixar o estado desperto completamente só, despido de toda a distração e apego.

Agora, como nos acostumamos a permanecer na natureza da mente? Quando os pensamentos vierem enquanto estiveres meditando, deixe-os vir; não há necessidade de considerá-los teus inimigos. Quando surgirem, relaxe no seu surgimento. Por outro lado, se não surgirem, não fique nervosamente divagando se surgirão. Apenas repouse em sua ausência. Se, durante a meditação, grandes e bem definidos pensamentos repentinamente surgirem, é fácil reconhecê-los. Mas quando suaves movimentos sutis ocorrem, é difícil perceber que estão ali até que seja tarde demais. Isto é o que chamamos namtok wogyu, as correntes sutis de divagação mental. Este é o ladrão da meditação, portanto é importante manter uma vigilância cuidadosa. Se consegues permanecer constantemente presente, tanto na meditação quanto depois, quando estás comendo, dormindo, caminhando ou sentado, então é isto; conseguistes!

O Grande Mestre Guru Rinpoche disse:

Centenas de coisas podem ser explicadas, milhares descritas

Mas uma coisa apenas deverias reconhecer.

Conhece esta única coisa e tudo é liberado – Permanece na tua natureza intrínseca. Estejas presente!

Também diz-se que se não meditares, não atingirás a certeza; se meditares, a atingirás. Mas que tipo de certeza? Se meditares com um esforço cheio de júbilo, sinais aparecerão revelando que te acostumara a permanecer em tua natureza. Aquele violento apego claustrofóbico que tens aos fenômenos, experimentados de forma dualista, gradualmente se soltará, e tua obsessão com a felicidade e o sofrimento, medos e esperanças, etc. vagarosamente enfraquecerão. Tua devoção ao professor e uma confiança sincera em suas instruções crescerão. Depois de um tempo, tuas atitudes tensas e dualistas evaporarão e chegarás ao ponto onde ouro e pedras, comida e nojeira, deuses e demônios, virtude e não-virtude serão para ti a mesma coisa – não saberás distinguir entre o céu e o inferno!

Mas enquanto isto, até que alcances este ponto (enquanto ainda estiveres preso nas experiências da percepção dualista), a virtude e a não-virtude, os campos de budas e os infernos, a felicidade e a dor, as ações e seus resultados – tudo isto será realidade para ti. Como o Grande Guru disse, “Minha visão é mais elevada do que o céu, mas minha atenção às ações e seus resultados é mais fina do que

a farinha.”

Então não saias por aí dizendo que és um meditante Dzogchen enquanto tudo que és é um panaca peidorreiro!

É essencial que tenhas uma fundação estável de devoção pura e samaya, juntamente com um forte esforço jubiloso que seja bem equilibrado, nem muito solto nem muito tenso. Se és capaz de meditar, completamente abandonando as atividades e preocupações desta vida, é certo que atingirás as qualidades extraordinárias do caminho profundo do Dzogchen. Porque esperar as vidas futuras? Podes conquistar a cidadela primordial agora mesmo, no presente.

Este conselho é o próprio sangue do meu coração. Mantenha-o bem e nunca o esqueça!

...

Kyabje Dudjom Rinpoche (1904-1987) foi o líder da escola Nyingma do Budismo Tibetano. A pedido de Sua Santidade o Dalai Lama, assumiu esta liderança no exílio em 1959, assegurando a preservação desta tradição ancestral. Ele foi um professor Dzogchen para muitos lamas importantes, incluindo o próprio Dalai Lama, e foi um dos principais responsáveis pela transmissão do budismo vajrayana ao ocidente.

Este texto é de “Counsels from My Heart”, Shambhala Publications © 2001.